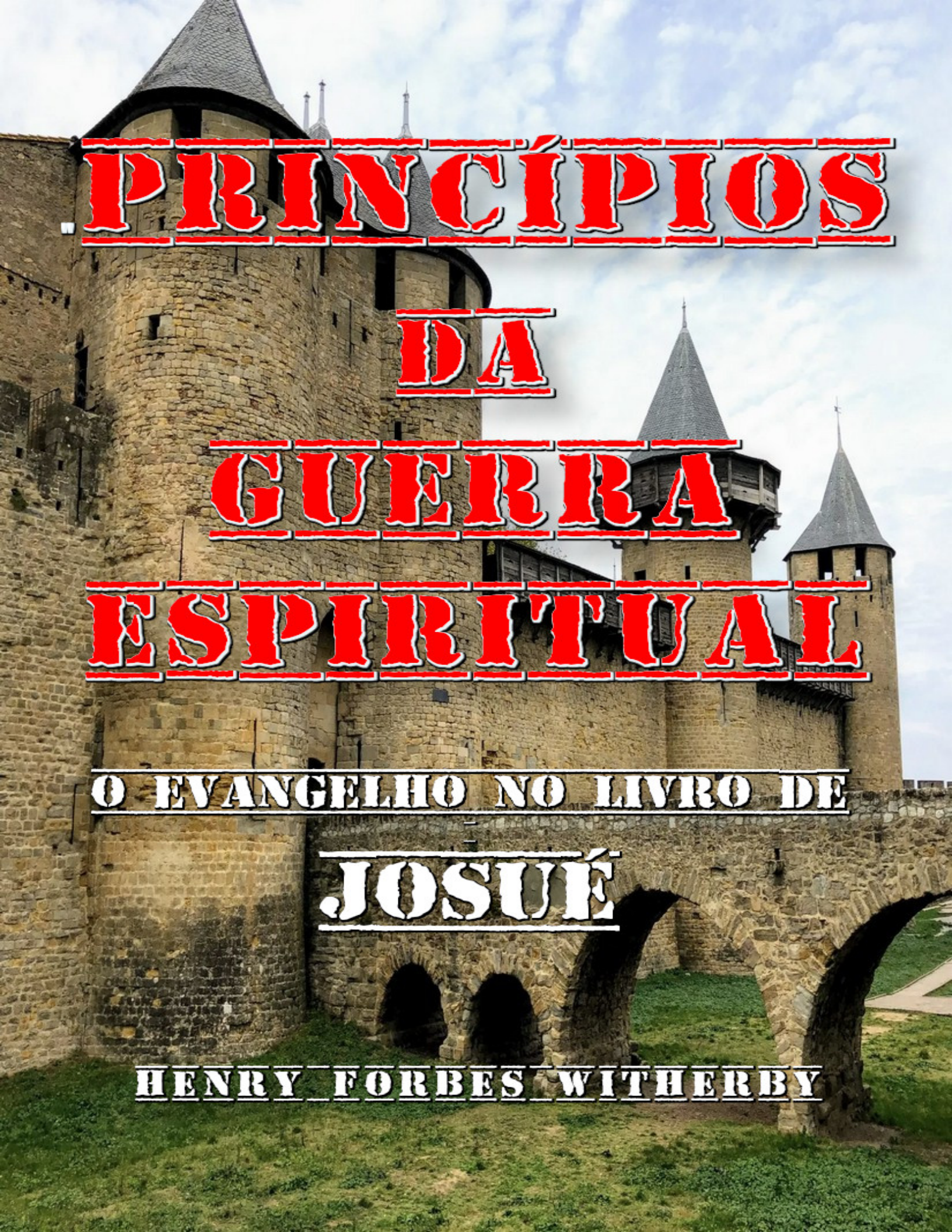




PRINCÍPIOS

DA

GUERRA

ESPIRITUAL

O EVANGELHO NO LIVRO DE

JOSUÉ

HENRY FORBES WITHERBY

Princípios da Guerra Espiritual

O Evangelho no Livro de Josué

Henry Forbes Witherby

Título do original em inglês:

Principles of Spiritual Warfare – The Gospel in the Book of Joshua – Henry Forbes Witherby

Primeira edição em português – outubro de 2024

Originalmente publicado por:

BIBLE TRUTH PUBLISHERS

59 Industrial Road, Addison, IL 60101

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:

ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995

ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993

TB – Tradução Brasileira – 1917

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB – 1994

AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967

JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby

KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ARC, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

Princípios da Guerra Espiritual

O Evangelho no Livro de Josué

Henry Forbes Witherby

Observação

O leitor atento da Palavra de Deus, sem dúvida, já observou uma analogia entre o Livro de Josué e as Epístolas aos Efésios e Colossenses. O objetivo deste pequeno volume é direcionar a mente para essa analogia, e levar o leitor a buscar mais profundamente as verdades que são ilustradas pelo Livro de Josué.

“Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos” (1 Co 10:11).

Comentários Introdutórios

É geralmente aceito que o Livro de Josué consiste em duas seções. A primeira, Josué 1-12, dá o registro da conquista da terra; a segunda, Josué 13-24, da distribuição da terra entre as tribos.

A primeira seção começa com uma exortação para possuir, e depois das palavras **“e a terra repousou da guerra”** termina com a enumeração das vitórias. A segunda seção começa com a palavra do Senhor, **“ainda muitíssima terra ficou para possuir”** e encerra com o aviso de Josué ao povo, e com o relato de sua morte. A primeira é vigorosa com energia divina. É poder, força no Senhor, e no poder de Sua força; e as falhas registradas nela, são falhas em ação. A segunda é principalmente inação – e inação é por si só falha – ainda assim, exemplos de zelo pelo Senhor podem ser encontrados nela. Esta ascensão e queda conta, em poucas palavras, a história de cada era, na qual a responsabilidade de manter sua posição foi confiada ao povo de Deus, que, infelizmente, depois de começar seu curso cheio de zelo, abnegação e espírito de vitória, muitas vezes afundou em descanso prematuro; e, como consequência inevitável, tornou-se indiferente e mundano.

E se, nesse estado de indiferença, o espírito de confiança própria ganha um lugar, a restauração, se efetuada, é operada por Deus por meio de disciplina.

Que possamos receber e ser energizados pelas instruções saudáveis que este Livro contém, pois seus ensinamentos são particularmente adequados para nossos dias de luxúria.

O Líder - Josué 1:2

“Moisés, Meu servo, é morto; levanta-te, pois, agora” (Js 1:2).

Na sabedoria de Deus, as histórias da Escritura de muitos homens santos da antiguidade apresentam Cristo a nós sob várias figuras.

Moisés tipifica Jesus trazendo Seu povo para fora da terra de condenação, enquanto Moisés e Arão tipificam Jesus Cristo liderando Seu povo por este mundo desértico. Moisés não liderou Israel para Canaã. Josué, que tipifica o Senhor Jesus Cristo como o Príncipe [Capitão – KJV] da nossa salvação, foi designado para esse serviço.

No livro que está diante de nós, Moisés, “o *tirado*”, o servo de Jeová designado para tirar Seu povo do Egito, saiu de cena. Jeová o sepultou e escondeu o lugar de sua sepultura até hoje (Dt 34:6).

Josué toma seu lugar, e o nome de Josué também é significativo. Originalmente ele era chamado de Oseias (libertação), mas isso foi aumentado para *Jehoshua*, que significa “a salvação do Senhor”.

Moisés estava morto, e Josué era o líder divinamente designado de Israel; portanto, o caminho de obediência e bênção de Israel era seguir seu novo capitão.

As lições do livro de Josué, espiritualmente consideradas, referem-se ao chamado celestial do Cristão. Aqui, sob a capitania de seu Senhor ressuscitado, o Cristão pode ver a si mesmo.

“Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima” (Cl 3:1).

Exortação - Josué 1:2-9

“Moisés, Meu servo, é morto; levanta-te, pois, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, à terra que Eu dou aos filhos de Israel. Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como Eu disse a Moisés. Desde o deserto e desde este Líbano até ao grande rio, o rio Eufrates, toda a terra dos heteus e até o grande mar para o poente do Sol será o vosso termo. Ninguém se sustera diante de ti, todos os dias da tua vida; como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei nem te desampararei. Esforça-te e tem bom ânimo [sede forte e corajoso – JND], porque tu farás a este povo herdar a terra que jurei a seus pais lhes daria. Tão-somente esforça-te e tem mui bom ânimo [sede forte e muito corajoso – JND] para teres o cuidado de fazer conforme toda a lei que Meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que prudentemente te conduzas [para que possas prosperar – JND] por onde quer que andares. Não se aparte da tua boca o livro desta Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito; porque, então, farás prosperar o teu caminho e, então, prudentemente te conduzirás [terás um bom sucesso – JND]. Não to mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo [sede forte e corajoso – JND]; não pases, nem te espantes, porque o SENHOR, teu Deus, é contigo, por onde quer que andares” (Js 1:2-9).

É um princípio infalível que as exortações da Escritura são fundamentadas na graça.

Deus é o Deus de toda graça, portanto, o que Ele exorta Seu povo a fazer, Ele lhes dá poder para realizar.

Talvez em nenhuma parte da Palavra de Deus se encontre maior graça do que em Suas exortações; pois o objetivo delas é

aproximar Seu povo de Si mesmo e conduzi-lo mais profundamente aos seus privilégios.

Na exortação comovente que acabamos de ler, a base é que a terra pertence a Israel de acordo com a promessa; e assim, porque Deus lhes dera a terra, Ele ordena: *“Levantem-se e tomem posse dela”*. Quando essa exortação foi dada, Israel foi levado, pela graça soberana e bondade paciente, às próprias fronteiras da terra prometida. Suas glórias se espalharam diante de seus olhos – os campos de trigo, oliveiras, vinhedos e os montes dos quais, lhes foi dito que neles **“cavarás o cobre”**. Já, por antecipação, os **“ribeiros de águas, de fontes e de abismos, que saem dos vales e das montanhas”** eram deles, e uma coisa apenas era necessária para o desfrute de sua porção; eles deveriam *“levantar-se e possuí-la”*. Era época de colheita – a época do bem mais rico do ano – e o Jordão (isto é, o rio da Morte ou do Julgamento) ameaçava barrar seu caminho, pois **“porque o Jordão transbordava sobre todas as suas ribanceiras, todos os dias da sega”**. Contudo, a fé se apegaria à Palavra do Deus vivo e, independentemente da dificuldade, obedeceria a essa Palavra imediatamente.

Agora, contemplar os campos de trigo não era comer os frutos, e contemplar os montes não era extrair suas riquezas; e a única condição que o Senhor impôs ao povo foi que eles, de fato, deveriam entrar e tomar posse da terra que Ele lhes havia dado.

Quão verdadeiro é, a respeito da possessão espiritual, que nenhum conhecimento geográfico, por assim dizer, da verdade de Deus, nenhuma habilidade de mapear doutrinas ou dispensações, é por si só possessão. A real possessão se torna a porção daqueles que, por combate individual, passo a passo, conquistaram terreno; e para eles vale a promessa: **“Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado”**.

A fim de estimular Seu povo a conquistar sua possessão, o Senhor graciosamente prometeu Sua infalível presença, força e proximidade a eles no conflito. O Senhor não havia esquecido

seus medos em Escol. Ele sabia que os filhos de Anaque ainda pisavam a terra, e que cidades grandes e altas, muradas até o céu, enchiam a terra; e, em Sua graça, Ele encoraja Seu povo, para que aprendessem a medir os filhos de Anaque pela força de Jeová em vez de pela sua própria, e as cidades muradas por Seu poder, e não pela aptidão de suas armas de guerra.

A força que Jeová desejava em Seu povo era força de mão para tomar e reter firmemente; e força de joelhos para que o lutador não fosse derrubado. E nós, Cristãos, somos exortados assim: **“fortalecei-vos no Senhor e na força do Seu poder”, “porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”**, que são para nós aquilo que as hostes de Canaã foram para Israel. Nem devemos ficar contentes com o fato de vencer um inimigo; **“e, havendo feito tudo”**, ou como diz a margem da versão King James, **“tendo vencido tudo”**, somos chamados a **“ficar firmes”** (Ef 6). A cidade murada pode ser tomada, mas, como sentinelas em seu posto, devemos **“ficar firmes”**, se esperamos retê-la.

Deus, ao dar exortação e encorajamento, nos avisa do perigo e da dificuldade. Mas, amado leitor, se recuarmos diante da dificuldade, lembremo-nos de que recuamos diante da terra prometida. O quê? Um Cristão se assentará no lado desértico do Jordão por causa dos gigantes de Canaã?

Novamente, o Senhor clama ao Seu povo por força e coragem. E desta vez é para que eles obedeam *a toda* a Sua Palavra. Nem o menor desvio é permitido. É uma estrada reta, e um passo para o lado os desviaria completamente; **“para que dela não vos aparteis, nem para a direita nem para a esquerda”**. Sua Palavra não deveria se apartar da boca deles; **“Está escrito”** deveria decidir tudo; e deveria ser sua meditação, tanto de dia quanto de noite, seu estudo contínuo. Prosperidade e sucesso seriam deles à medida que obedecessem à Palavra de Deus.

E, companheiros Cristãos, aqui está uma boa ocasião para sermos francos conosco mesmos. Por que um está sem paz plena com Deus? Por que outro tem magreza de alma? Por que outro tem problemas em vez de gozo? A Palavra de Deus não é seguida implicitamente, passou-se por cima do caminho claro da Escritura.

Uma terceira vez temos o Senhor dizendo: "**sede forte e muito corajoso**" (JND). A primeira vez, porque tudo é por graça; a segunda, porque a Palavra é d'Ele; e agora, porque Sua própria autoridade é nossa comissão. Uma vez que o Cristão se apodere do fato da autoridade divina da Palavra de Deus, imediatamente tudo o que é humano deve se curvar.

Com a promessa "**o SENHOR, teu Deus, é contigo, por onde quer que andares**", a exortação se encerra; pois não seria possível obedecer à Sua ordem a menos que fôssemos abençoados com Sua presença.

Admoestação - Josué 1:10-11

“Então, deu ordem Josué aos príncipes do povo, dizendo: Passai pelo meio do arraial e ordenai ao povo, dizendo: Provede-vos de comida, porque, dentro de três dias, passareis este Jordão, para que tomeis posse da terra que vos dá o SENHOR, vosso Deus, para que a possuais” (Js 1:10-11).

Há algo de contrastante com os costumes humanos no fato de o povo de Israel ter sido ordenado a permanecer três dias após receber uma exortação tão estimulante como a que acabavam de receber.

Eles têm que preparar comida, esperar um período de tempo perfeito e não se apressar impetuosamente; e é assim que, tendo partido da última etapa de seu caminho no deserto – Sitim – Josué e todo o povo se alojam nas margens do Jordão antes de atravessarem.

Temos que aprender que a energia humana não pode cruzar rios de morte, ou derrubar os muros das fortalezas deste mundo, e que devemos ser despertados para seguir o Senhor. Tudo precisa ser no Seu tempo, bem como de acordo com a Sua Palavra. Impulso não é fé, e seguir em frente na mera força do nosso próprio conhecimento adquirido da verdade de Deus certamente se manifestará como sendo impulso.

Deus tem Seu próprio tempo. Ele não tem pressa, e Ele também não quer que Seu povo aja com zelo carnal, nem na excitação de um conhecimento recém-adquirido. Ações corretas podem ser feitas em momentos errados, e bem seria se alguns que amam seu Senhor, em vez de se precipitarem no impulso da verdade recém-adquirida, primeiro demorassem seus três dias e a digerissem – a tornassem, pela graça do Espírito de Deus, completamente sua. A menos que façamos da verdade de Deus parte de nós mesmos, por assim dizer, nossa fraqueza se revelará

no dia do teste. Esse conhecimento da Palavra divina que não entra profundamente no coração não manterá a alma quando seu apoio for mais necessário; será descoberto então que tal conhecimento era de um tipo exterior; e que, portanto, não podemos usá-lo. Aprender de uma outra pessoa uma verdade de Deus como uma questão de inteligência, sem ter experimentado a força dela em nossa própria alma, é conhecimento sem poder.

Ao extrair instruções dessa história literal, não devemos, contudo, supor que um intervalo de tempo determinado seja necessário para efetuar um exercício necessário da alma, pois Deus pode e opera em alguns em um curto período, o que é Seu prazer realizar em outros por meio de uma lição ao longo de toda a vida.

A Mensagem do Evangelho - Josué 2 e 6

“Pela fé, Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias” (Hb 11:31).

Quão apropriado é o lugar que esta história do evangelho ocupa na ordem do livro diante de nós.

Vemos em Raabe um monumento de misericórdia e um padrão para nós, que aprendemos nela, que a salvação alcança o maior dos pecadores.

Em comum com seus concidadãos, Raabe ouvira a mensagem do julgamento vindouro, e ela, assim como eles, temera excessivamente, acreditando no poderoso exército de Jeová - os israelitas peregrinos. Mas, como o julgamento retardou sua marcha, os homens orgulhosos de Jericó o consideraram frouxidão e se endureceram em sua iniquidade. Raabe não participou do espírito deles, pois, no intervalo da espera, ela pensou na libertação. Quando encontramos almas tremendo hoje para que não sejam destruídas com este mundo perverso, e amanhã, quando seu tremor cessar, seguindo seus caminhos perversos, elas nos lembram do ferro que se torna mais e mais duro ao ser aquecido na fornalha até que, por fim, os golpes do martelo dificilmente deixarão uma impressão. Mas o julgamento deve vir, e o pecador endurecido terá que prová-lo, assim como fizeram os desafiadores homens de Jericó.

Sigamos os dois espiões. O julgamento há muito ameaçado está nas muralhas da cidade, seus arautos entram nela e são recebidos na casa de Raabe. Ela os saúda como mensageiros de misericórdia, mas seus cidadãos guiados por seu rei buscam a vida deles.

A palavra vinda do alto é julgamento para o mundo: **“Agora é o julgamento deste mundo”**; mas para o pecador individual a mensagem é libertação. Para cada casa, para cada pecador, onde o arauto de Deus vem, a saudação é **“Paz”**, paz pelo sangue de Cristo, e todos os que aceitam a mensagem de Deus são salvos da ira vindoura. Ai, de fato, daqueles que rejeitam a mensagem de misericórdia de Deus, pois assim fecham sobre si mesmos a única porta de escape. Aqueles que sentem sua necessidade e reconhecem o justo julgamento de Deus sobre este mundo perverso, saúdam Seus mensageiros com alegria. Foi a fé de Raabe que a salvou, e a incredulidade de Jericó foi sua condenação. **“Pela fé, Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias”** (Hb 11:31).

Olhar para trás e contemplar a destruição de Jericó, e a salvação de Raabe dela, é profundamente solene e instrutivo para nós, que vivemos nestes últimos dias da longanimidade de Deus. Vamos ficar então com Raabe e os dois espões no telhado plano de sua casa, e olhando ao redor aprendamos uma lição para os nossos tempos. Marque o desenvolvimento da cidade, suas melhorias recentes, seus grandes e altos muros, e seus portões de bronze. Como desde a criação do mundo, as montanhas estão em seus lugares. Como antes, os vales são dourados com trigo maduro, as encostas roxas com videiras frutíferas; pois, observe isto, é o tempo da colheita. O antigo Jordão flui adiante, suas margens cobertas de águas profundas, como se orgulhosamente dissesse: *Eu sou uma barreira para a aproximação do inimigo*. O Sol, que eles adoram, calmo nos céus, afunda sob as montanhas, derramando seu rico brilho sobre os vales, e o povo beija sua mão para ele. Os negócios da cidade, comer carne e beber vinho, casar e dar-se em casamento, nascimento e morte, continuam como nas gerações anteriores. Os escarnecedores da cidade dizem, *a fábula do julgamento envelheceu*, quarenta longos anos atrás ouvimos como o Senhor secou as águas do Mar Vermelho para esse povo que reivindicam esta terra, e não há nada a temer.

O testemunho da vinda do Senhor envelheceu para o mundo. O Filho do Homem vindo dos céus em fogo flamejante, e a derrubada da ordem das coisas como elas agora existem na Terra, não concordam com as noções humanas de estabilidade. **“Onde está a promessa da Sua vinda? Porque desde que os pais dormiram todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”;** **“o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão”**. Esta Palavra de Deus foi divulgada há mais de mil e oitocentos anos. Não julgueis, então, pela vista, não sejais voluntariamente ignorantes do dilúvio, ou do incêndio de Sodoma e das cidades da planície, pois se o julgamento tarda, é somente por esta única razão: **“O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se”** (2 Pe 3:9). Somos da Cidade da Destruição, ou esperamos pelo Filho de Deus do céu, que livrou Seu povo da ira vindoura? Não importa em que parte da cidade moramos, seja na Rua da Moralidade ou nos Bairros Religiosos; não importa quão ricamente nossa casa esteja mobiliada com boas ações, pois se somos do mundo, somos daquele lugar sobre o qual Deus pronunciou julgamento. Os homens podem dizer, **“paz e segurança”**, mas enquanto falam assim, repentina destruição virá sobre eles, e eles não escaparão. Os homens de Jericó podem zombar de Israel marchando ao redor de seus muros, até que, atônitos e oprimidos, eles pereçam em sua derrubada.

O coração de Raabe está cheio, pois a Palavra de Jeová é realidade para ela. Pela fé, ela entende que os dias de Jericó estão contados, seu progresso está no fim e os últimos momentos de sua hora de graça estão próximos. Seus pensamentos não estão com os dos habitantes da cidade, seu espírito está separado de sua cidade natal, ela espera por vida em outro lugar. Nos dois espiões que estão com ela no terraço, ela contempla os mensageiros do **“Deus em cima no céu e embaixo**

na Terra", e assim o testemunho deles é mais poderoso para ela do que todas as evidências das coisas exteriores. Para esses homens, ela alivia sua alma e, se puder, lança sua sorte com o povo de Deus odiado por Jericó.

Raabe era por natureza e por prática uma filha da ira, assim como os outros. Em comum com os pecadores de sua cidade, ela não tinha direito à salvação de Deus – nenhum, mas ela creu e confessou que o julgamento do Senhor estava sobre ela; ela reconheceu que a terra em que habitava não pertencia mais ao seu povo, mas ao povo de Deus – **"Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra"**. Ela reconhecia que o julgamento era de Jeová – **"Jeová vosso Deus é Deus em cima no céu e em baixo na Terra"** (TB). Cerrada ao terror deste Deus poderoso, o que ela deveria fazer? **"Que (ela) se apodere da Minha força e faça paz Comigo; sim, que faça paz Comigo"** (Is 27:5). Raabe apelou para a bondade de Jeová. Ela confiou n'Ele e clamou por misericórdia: **"salva-nos, que perecemos"**; este era seu fardo. Morte ao redor dela, morte nela, o que mais poderia satisfazê-la, exceto a vida? **"Livra nossas vidas da morte"**.

Os antecedentes de Raabe, talvez, expliquem por que ela mentiu aos mensageiros do rei. Este é um assunto para reflexão. Quão frequentemente observamos alguma tendência maligna, algum hábito ou temperamento odioso, apegar-se até mesmo a crentes sinceros! Um tom moral baixo não é alterado para um tom exaltado do dia para a noite; não, nem mesmo pela conversão.

O sinal de que Raabe tinha vida era um símbolo fora dela. Era o cordão de escarlata pelo qual os espiões escaparam de Jericó; e Deus ficou satisfeito com o símbolo. Sob o abrigo do cordão pode ter havido medos ansiosos, ou, possivelmente, fé forte, enquanto o exército marchava ao redor da cidade, mas ele cobria tudo. Este cordão nos fala do sangue de Cristo, o precioso "símbolo" que fala da perfeita satisfação de Deus com relação ao pecado. Por esse sangue precioso, Deus pode ser Justo e o Justificador, pois o sangue atendeu Suas reivindicações quanto ao pecado, e satisfaz

Suas justas demandas. E agora Deus justifica de todas as coisas aquele que crê em Seu Filho.

Mas Raabe tinha mais do que esse cordão de escarlata, ela tinha os dois homens vivos como sua segurança. Em vão teria sido o cordão amarrado em sua janela se os espiões não tivessem chegado ao acampamento! Esses homens tinham garantido a vida deles pela dela, **“Nossa vida responderá pela vossa”**; a vida deles era a vida dela. E isso não nos fala das palavras asseguradoras do Salvador, **“porque Eu vivo, e vós vivereis”** (Jo 14:19)? É a vida d'Ele que é a vida do crente, uma vida além das reivindicações e do poder da morte. Jesus, o Filho de Deus, é a Vida Eterna. **“Aquele que tem o Filho tem a vida”** (1 Jo 5:12). Pela morte de Cristo, a vida do homem foi judicialmente encerrada, e na vida do Ascendido, o crente mais fraco vive. Que você, caro leitor, creia no nome de Seu Filho, e tenha vida eterna, pois em Adão **“todos nós somos mortos”** (TB). Nós, que cremos, somos removidos do julgamento do mundo; porque, sendo Cristo a nossa vida, já não somos da cidade da destruição, mas daqueles que esperam a vinda do Senhor para nos tirar do mundo.

Que brilhante padrão de cuidado Raabe nos oferece para com os pecadores que perecem! Quão fervorosa foi sua súplica por seu pai, mãe, irmãos, irmãs e todos os seus parentes! Ela usou sua oportunidade para *“levar para casa”* muitos, e nenhum deles foi deixado para perecer na derrubada de Jericó.

Ela mesma era um testemunho de misericórdia, e o cordão de escarlata em sua janela, era a evidência da fé. Apontando para o cordão de escarlata, ela poderia dizer a eles que por aquela janela os homens deixaram a cidade, e que eles tinham comprometido sua vida pela dela, e pela vida de todos os que permaneceram sob o abrigo daquele cordão.

Vamos agora nos voltar para a arrogante e incrédula Jericó. O Jordão recua, e os exércitos de Deus cercam a cidade. Ela cerrou-se em ferrenha determinação, não permitindo que ninguém saia e desafiando qualquer um a entrar. Numa formação divinamente

escolhida, o exército de Deus a rodeia. Os trombeteiros estão lá, como se antecipassem **“o ano aceitável do Senhor”**. Para Jericó, é um som vão, adequado apenas para zombaria e ridículo. O quê? Homens marchando em círculos derrubarão um reino? Agora chega o sétimo dia, com suas sete notas de apregoação, com sua agitação no acampamento e seu “levantar-se de madrugada”. É o último dia para a casa de Raabe oferecer abrigo. Antes do anoitecer, o povo de Jericó perecerá.

Tudo é silêncio. A cidade está cercada. O capitão do exército dá a palavra. O grito de vitória rasga os corações incrédulos. Os muros de Jericó vacilam e caem. É uma destruição repentina. A espada devora velhos e jovens, ricos e pobres. A cidade é destruída pelo fogo. O orgulho de Jericó não existe mais.

Leitor, mais uma vez a pergunta, Você é do mundo? Este mesmo mundo é uma “cidade de destruição”. Eis no destino de Jericó o seu fim certo.

Mas Raabe, onde está ela? Segura, salva? Ela estava segura no momento em que creu. O pecador é salvo imediatamente quando crê. Viva no meio da morte? Sim, a vida era dela quando os espias uniram a vida deles com a dela. **“Josué conservou com vida a prostituta Raabe, e a casa de seu pai, e tudo quanto tinha; e habitou no meio de Israel até ao dia de hoje, porquanto escondera os mensageiros que Josué enviara a espiar Jericó”** (ARA).

Mas onde será encontrado o historiador para registrar a duração da estadia daqueles que entram em sua herança celestial? **“Daí jamais sairá”** (Ap 3:12).

A Posição Cristã - Josué 3-4

Eles **“passaram o rio a pé”** (Sl 66:6).

“Que tiveste... tu, ó Jordão, que tornaste atrás?” (Sl 114:5).

A passagem de Israel pelo Jordão é geralmente considerada uma figura da entrada do crente no céu após a morte, mas há mais do que simplesmente isso.

Israel foi libertado do julgamento sobre o Egito pela Páscoa. Na passagem do Mar Vermelho, a perseguição do Faraó chegou ao fim, e Israel foi libertado do seu poder. Eles passaram a pé enxuto pelas águas que ameaçavam se tornar seu túmulo, e ali seu perseguidor e seu exército foram sepultados. Eles foram libertados do Egito e de seu rei, e colocados na margem oposta, um grupo de peregrinos com destino a Canaã. Mas a passagem do Mar Vermelho não os trouxe para Canaã; isso foi realizado cruzando o Jordão.

Antes de atravessar o rio, o povo deveria, primeiro, observar a arca; e, segundo, santificar-se.

No deserto, se a arca permanecesse sob suas cortinas, o povo permanecia em suas tendas; se ela avançasse, eles a seguiriam. E agora, como eles estão prestes a trilhar um caminho até então não trilhado – um caminho do qual eles não têm conhecimento – de uma maneira especial, eles devem observar as direções da arca, para que eles soubessem **“o caminho pelo qual haveis de ir, porquanto por este caminho nunca passastes antes”**. No entanto, embora devessem observar a arca e segui-la, é dito a eles: **“Não vos aproximeis dela”**, mas deveria manter uma distância definida entre ela e eles, um espaço medido de dois mil côvados.

Em segundo lugar, eles deveriam se santificar, por causa das **“maravilhas”** que o Senhor faria no meio deles no dia seguinte.

A arca é uma figura de Cristo. O caminho da fé é necessariamente um caminho sempre novo para o povo de Deus, e é simplesmente olhando para Jesus que qualquer um de nós sabe **“o caminho pelo qual devemos ir”**. Israel não deveria pressionar a arca, e o Cristão deve dar ao Senhor Jesus o pleno lugar, pois em todas as coisas Ele deve ter a preeminência (Cl 1:18). Há uma distância divina entre Ele e Seu povo. Se o povo não tivesse deixado um espaço entre si e a arca, as primeiras fileiras teriam impedido aqueles que vinham atrás de vê-la. E o Cristão deve sempre ter uma visão completa de Cristo, se ele quiser andar no caminho de Deus.

Mas como seguiremos a Cristo? **“Santificai-vos”**, foi a palavra de Deus para Israel, quanto mais, então, para nós! Verdadeiramente, não há como seguir o Senhor Jesus, exceto com passos santos. Não há como se aproximar das **“maravilhas”** de Deus, exceto como Moisés se aproximou da sarça. Então, como “nos santificaremos”? Nossa única santificação é Cristo – **“o Qual para nós foi feito por Deus... santificação”** (1 Co 1:30). Não há poder para separação do mal, exceto por Cristo. E quanto mais de perto olhamos para a santificação cerimonial judaica, mais evidentemente vemos que tudo apontava para Cristo.

A arca do Senhor, na passagem do Jordão, era chamada de **“A arca do concerto do Senhor de toda a Terra”**. O Senhor Jesus disse: **“É-me dado todo o poder no céu e na Terra”** (Mt 28:18), pois o Pai confiou tudo em Suas mãos.

O rio Jordão barrava a entrada de Israel em Canaã. Exceto através desse rio, Deus não tinha caminho para Seu povo entrar na terra prometida. Quando Israel chegou às suas margens, era época de colheita, e **“o Jordão transbordava sobre todas as suas ribanceiras, todos os dias da sega”**; assim, o ribeiro estava aumentado em uma torrente poderosa, e estendeu suas amplas águas sobre o vale. Podemos facilmente imaginar o exército de Israel, com os **“homens de guerra”**, as mulheres e os pequenos, aglomerados perto de sua borda; e podemos imaginar a arca do

Senhor, carregada pelos levitas, dois mil côvados na frente do exército. Todos os olhos estão fixos na arca do Senhor, pois todos estão plenamente cientes de que, se quiserem entrar em Canaã, deve ser pela arca. Certamente ninguém entre aquela vasta companhia duvida por um momento do poder de Deus; não, porém eles estão esperando ver Suas **“maravilhas”** operadas em sua presença.

E assim, **“quando os que levavam a arca chegaram até ao Jordão, e os pés dos sacerdotes que levavam a arca se molharam na borda das águas... pararam-se as águas que vinham de cima; levantaram-se num montão, mui longe da cidade de Adã, que está da banda de Sartã; e as que desciam ao mar das Campinas, que é o mar Salgado, faltavam de todo e separaram-se”**. No Mar Morto, o Rio da Morte foi engolido. E a maré ameaçadora de águas revoltas se levantou num montão diante da arca do Senhor. Haveria naquela companhia um coração que temesse que o “transbordamento do Jordão” o submergisse? Antes que uma gota da maré pudesse tocar o mais fraco israelita, a arca de Deus precisaria ter sido varrida.

“Até que todo o povo acabou de passar o Jordão”, a arca ficou diante das águas amontoadas; mas, quando **“as plantas dos pés dos sacerdotes se puseram em seco, as águas do Jordão se tornaram ao seu lugar e corriam, como antes, sobre todas as suas ribanceiras”**. Esta é uma figura do Senhor segurando o derramamento do julgamento até que Seu povo seja primeiro reunido em casa. Consideração solene para aquele que não conhece Cristo como Aquele que liberta da morte! Oh, considere que as águas do julgamento há muito represadas certamente varrerão esta Terra com poder irresistível, e se o último do exército passar diante de você, e você for deixado para trás, como você encontrará sua entrada na terra de luz e amor além? Que Deus em Sua misericórdia lhe conceda, caro leitor, atravessar enquanto o caminho ainda está aberto.

Deus não permitiu que Israel atravessasse o Jordão, exceto por aquele caminho que Sua arca abriu. Israel, trinta e oito anos antes, por vontade própria, se esforçou para lutar para entrar em Canaã, eles tentaram o máximo em sua incredulidade para alcançá-la – mas em vão; e o Senhor agora lhes mostrou que Seu caminho deve ser trilhado somente na força da arca. Se um israelita não pode ganhar a herança terrenal por sua própria força, como o pecador ganhará o céu por seus próprios esforços?

Agora, como um Jordão, a morte limita este mundo desértico, através do qual os homens estão viajando, e não há vau, nem balsa, nem ponte, por onde possamos cruzar o rio. Mais cedo ou mais tarde, cada um dos filhos dos homens deve chegar à beira do rio, mas ninguém entrará na terra da vida além, exceto pelo próprio caminho escolhido por Deus.

Assim como na figura diante de nós, o curso de Israel, como andarilhos murmuradores e incrédulos, terminou no Jordão, assim nossa história, como homens na carne, termina, aos olhos de Deus, na morte de Seu Filho. Na graça e no poder de Deus, o que o Filho realizou, Ele realizou para todos. E para cada um de Seu povo. O Senhor e Seu povo são **“plantados juntamente”** (não poderíamos dizer unidos, pois a morte não une) na morte. Eles ocupam o mesmo lugar – estamos **“mortos com Cristo”**. É o conforto do crente perceber isso; pois quando sabemos que aos olhos de Deus estamos judicialmente mortos, e que Ele não olha para nós em nossa condição natural, mas somente em Seu Filho, nossas dúvidas e medos são sepultados, e somos capazes de considerar-nos **“como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor”**.

O mesmo poder que levou os sacerdotes que carregaram a arca a seco através do rio, foi eficaz na passagem do menor do exército. A arca e o povo eram idênticos. Cristo desceu à morte e esvaziou-a de seu poder, assim como a arca do Senhor esgotou o fluxo do Jordão; e é por Ele que todo crente entra na terra celestial além. Se somos **“plantados juntamente”** com Cristo na

semelhança de Sua morte, estamos unidos a Ele em Sua vida. Porque Ele vive, nós também vivemos. Somos **“salvos por Sua vida”** (Rm 5:10). **“Já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”** (Cl 3:3). Cristo, nossa arca, trouxe Seu povo purificado através do rio da morte para a terra prometida. Em Cristo, o crente está, por assim dizer, do outro lado do Jordão, e em repouso em Canaã. **“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo”** (Ef 1:3).

Talvez seja bom colocar juntos os três grandes símbolos da Páscoa, do Mar Vermelho e do Jordão.

Na noite da Páscoa, aprendemos sobre a obra de Cristo como o Cordeiro imaculado, cujo sangue precioso respondeu a todas as reivindicações que a justiça tinha contra nós e **“nos livra da ira vindoura”** (1 Ts 1:10 – ARA).

Da noite do Mar Vermelho aprendemos a obra gloriosa de Deus em libertar Seu povo do poder de Satanás. Faraó queria ter arrancado Israel, comprado com sangue, das mãos de Jeová se pudesse; ele tentou o máximo. Mas quando amanheceu, o Senhor olhou desde a coluna de fogo e nuvem para o perseguidor e seu exército, e eles clamaram: **“Fujamos da face de Israel, porque o SENHOR por eles peleja contra os egípcios”**. Então o mar voltou sobre eles, e **“nem ainda um deles ficou”** (Êx 14:25, 28). Assim, na força de Jeová, os seiscentos mil de Israel passaram a pé enxutos pelo mar, e cantaram na outra distante margem, o Senhor **“sumamente Se exaltou”**; as mulheres respondendo ao cântico com tamborins e danças. E mais do que este cântico de liberdade, eles, pela fé atribuindo toda a obra de sua bênção ao Senhor, falaram como se já estivessem em Canaã; **“Na Tua misericórdia guiaste o povo que remiste; Na Tua força o conduziste à Tua santa habitação”** (Êx 15:13 – TB).

Quando o Senhor ressuscitou dos mortos, o poder de Satanás, o perseguidor do povo do Senhor, foi derrubado. Desde aquela manhã triunfante, o cântico da vitória tem sido cantado por todo

crente que conheceu o Salvador como seu Libertador. E, pela fé, todo crente pode dizer não apenas que ele é **“redimido”**, mas que, apesar do deserto intermediário, ele é trazido pela **“força”** de Deus para os lugares celestiais – Sua **“santa habitação”**.

Quando Israel começou a pisar no deserto, sua forte fé mudou para incredulidade. Seus inimigos, de fato, estavam mortos, mas o “eu” estava em plena atividade; e eles ficaram tão ocupados consigo mesmos, que se esqueceram de sua grande libertação e de seu cântico de triunfo no Mar Vermelho.

Eles chegaram ao Jordão pela manhã e cruzaram em plena luz do dia. Não lemos sobre gritos de vitória acompanhando a passagem, nem tamborins, nem danças, mas uma solene quietude parece permear o exército enquanto observam a arca do Senhor descer para eles na inundação do rio.

Na plena luz clara desta cena, aprendemos a morte para o “eu” e a vida com Cristo. Aprendemos que o mesmo Salvador Todo-Poderoso, que derramou Seu precioso sangue por Seu pobre povo escravizado; e que, por Sua própria força, derrotou seus inimigos, tem, no poder de Sua vida, trazido-os para os lugares celestiais. É abençoado, de fato, perceber, pelo ensino do Espírito Santo, a grandeza da obra de Cristo por Seu povo, conforme delineada na passagem do Mar Vermelho, e nossa posição em Cristo, conforme estabelecida na passagem do Jordão.

Antes que o Jordão fosse atravessado, o Senhor disse a Josué: **“Este dia começarei a engrandecer-te perante os olhos de todo o Israel”**; e quando eles atravessaram, é dito: **“Naquele dia, o SENHOR engrandeceu a Josué diante dos olhos de todo o Israel; e temeram-no, como haviam temido a Moisés”** (Js 3:7; 4:14).

Deus Pai magnifica o Senhor Jesus como o Vencedor da morte; e o Senhor nunca é completamente honrado pelo povo de Deus até que a grandeza de Sua obra na ressurreição seja apreendida.

Quando todo o povo passou pelo Jordão, o Senhor ordenou a Josué: **“Tomai do povo doze homens, de cada tribo um homem, e mandai-lhes, dizendo: Tomai daqui, do meio do Jordão, do lugar do assento [onde permaneceram firmes – JND] dos pés dos sacerdotes, doze pedras; e levai-as convosco à outra banda e depositai-as no alojamento em que haveis de passar esta noite”**.

Essas doze pedras representavam todo o povo de Israel, uma pedra para cada tribo; e, tendo sido retiradas das profundezas do Jordão, elas falavam da obra de Deus, que, por Sua arca, havia feito passar o povo. Essas pedras foram colocadas na terra, um sinal de que todo Israel era uma família – que as doze tribos de Jeová eram um povo. Um sinal também (sendo colocadas na terra prometida), de que a união manifesta das tribos foi efetuada em Canaã. Algumas das tribos de Israel poderiam escolher sua morada no lado desértico do Jordão – elas poderiam não atingir praticamente a medida completa de bênção que a terra prometida lhes oferecia; mas suas pedras foram colocadas na terra prometida e, apesar da pobreza de sua fé, elas eram uma com seus irmãos ali.

Israel foi edificado em unidade manifesta em Canaã; a Igreja é Um corpo nos lugares celestiais. Nenhuma tribo, nenhuma divisão, nem Judeu nem gentio são reconhecidos nela. *Somos vivificados juntos... ressuscitados juntos, e feitos para assentarmos juntos em lugares celestiais em Cristo Jesus*. Essa unidade é efetuada pelo Espírito Santo, como resultado da obra de Cristo. Somos membros uns dos outros, sendo membros de Seu corpo.

Se algum membro da Igreja de Deus (como as duas tribos e meia de Israel que escolheram uma porção aquém da terra prometida) escolher uma posição que praticamente nega a unidade do corpo, ainda assim, estando unido a Cristo, ele é da companhia indivisa. Ele perde o gozo de sua porção, enquanto vive abaixo de seus privilégios, é verdade; mas ele não pode frustrar o conselho de Deus, ou frustrar Seu propósito de abençoá-lo. E embora,

nesta Terra, as divisões arruíne a beleza da Igreja de Deus, ainda assim, na glória, será descoberto que nenhum membro está faltando. Quando, pela fé, o Corpo é contemplado em sua beleza divina e celestial, o Cristão pode olhar calmamente para as divisões da Cristandade, e encarar seus cismas sem se desanimar – pois Cristo não está dividido – e pode lamentar a vaidade do esforço para formar uma união no lado desértico do Jordão, como se fosse uma união daquilo que não é celestial, nem no poder da ressurreição de Cristo.

Os doze homens carregando sobre os ombros as pedras do Jordão também ilustram qual deve ser a condição do povo ressuscitado do Senhor enquanto eles andam por este mundo. **“trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos”** (2 Co 4:10). Enquanto os representantes das doze tribos pisavam a terra prometida, carregando as pedras sobre os ombros, eles testificaram não apenas que foram trazidos para Canaã, mas também do caminho pelo qual entraram nela. A vida de Jesus não se manifesta em nós por simplesmente dizermos que ressuscitamos com Ele; mas por uma negação de si mesmo, uma morte para o mundo, pelo poder de Sua morte.

Essas pedras foram colocadas em Gilgal e se tornaram **“para sempre por memorial aos filhos de Israel”**. Quanto mais a morte e ressurreição do Filho de Deus devem ser o único memorial para cada crente! **“Quando no futuro vossos filhos perguntarem a seus pais, dizendo: Que significam estas pedras?, fareis saber a vossos filhos, dizendo: Israel passou em seco este Jordão. Porque o SENHOR, vosso Deus, fez secar as águas do Jordão diante de vós, até que passásseis, como o SENHOR, vosso Deus, fez ao mar Vermelho, que fez secar perante nós, até que passamos. Para que todos os povos da Terra conheçam a mão do SENHOR, que é forte, para que temais ao SENHOR, vosso Deus, todos os dias”**. Assim Israel deveria responder à pergunta: *“O que significam estas pedras?”* que naturalmente surgiria na

mente de muitos nos dias posteriores. Se qualquer inquiridor nos fizesse uma pergunta semelhante a respeito de nossa salvação, podemos responder com ousadia: *Cristo morreu e ressuscitou; por Ele, atravessamos a seco o rio da morte; e Sua morte e ressurreição não apenas nos libertaram para sempre de nossos inimigos, mas também nos libertaram de nós mesmos*; e agora é a feliz, sim, gloriosa porção de todo crente no Cordeiro que foi morto, testemunhar a grandeza suprema do poder de Deus para aqueles que creem.

O lapso de um curto período de mil e oitocentos anos afastou o povo de Deus do fundamento da fé Cristã? Outros sinais são necessários agora, sinais que a Igreja primitiva teria desprezado? É um fato triste para todo coração fiel, que a razão humana e a maquinaria religiosa inventada pelo homem tenham manchado o testemunho simples e ousado da obra de Cristo. No entanto, seja qual for a resposta que o povo de Deus dê a seus filhos, o Filho de Deus crucificado, ressuscitado e ascendido é o único fundamento da fé, como todo pecador salvo algum dia testemunhará. Que sejamos testemunhas de Deus neste assunto! (Veja 1 Coríntios 15:1-4, 14-15).

Antes de deixar esta cena das **“maravilhas”** de Jeová, notemos esta palavra: **“Levantou Josué também doze pedras no meio do Jordão, no lugar do assento dos pés dos sacerdotes que levavam a arca do concerto; e ali estão até ao dia de hoje”**. O Filho de Deus ascendido nunca Se esquece do povo pelo qual Ele morreu. Ele nunca Se esquece de Sua morte. As águas profundas, onde Seus todo-poderosos pés **“permaneceram firmes”**, estão presentes para Ele e para Seu Deus e Pai. Do trono nas alturas, Ele Se lembra da cruz.

Que nós, que n'Ele temos trilhado o caminho maravilhoso que a razão humana não tinha conhecimento, e que n'Ele entramos nos lugares celestiais, enquanto desfrutamos da bênção indizível da vida no Filho de Deus ressuscitado e exaltado, permaneçamos na

lembrança de Sua morte – olhemos, pelo poder do pírito divino,
para as águas profundas!

O Caráter Cristão - Josué 5:2-9

“Naquele tempo, disse o SENHOR a Josué: Faze facas de pedra e torna a circuncidar os filhos de Israel. Então, Josué fez para si facas de pedra e circuncidou aos filhos de Israel em Gibeate-Haralote. E foi esta a causa por que Josué os circuncidou: todo o povo que tinha saído do Egito, os varões, todos os homens de guerra, eram já mortos no deserto, pelo caminho, depois que saíram do Egito. Porque todo o povo que saíra estava circuncidado, mas a nenhum do povo que nascera no deserto, pelo caminho, depois de terem saído do Egito, haviam circuncidado. Porque quarenta anos andaram os filhos de Israel pelo deserto, até se acabar toda a nação, os homens de guerra, que saíram do Egito, que não obedeceram à voz do SENHOR, aos quais o SENHOR tinha jurado que lhes não havia de deixar ver a terra que o SENHOR jurara a seus pais dar-nos, terra que mana leite e mel. Porém, em seu lugar, pôs a seus filhos; a estes Josué circuncidou, porquanto estavam incircuncisos, porque os não circuncidaram no caminho. E aconteceu que, acabando de circuncidar toda a nação, ficaram no seu lugar no arraial, até que sararam. Disse mais o SENHOR a Josué: Hoje, revolvi [removi – ARA] de sobre vós o opróbrio do Egito; pelo que o nome daquele lugar se chamou Gilgal (isto é, Remoção ou Liberdade), até ao dia de hoje” (Js 5:2-9).

“Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus... Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra” (Cl 3:3, 5).

Quanto mais um homem aprende sobre Deus, mais ele conhece a graça. Se quisermos aplicar espiritualmente a nós mesmos as lições da circuncisão na terra, devemos dar lugar pleno à graça de Deus, que levou à circuncisão, e lembrar que Deus pede a devoção de Seu povo, porque Ele, em Cristo, os trouxe ao perfeito favor; caso contrário, cairemos no erro de mentes semelhantes a

monges e, com elas, ofenderemos a Deus, buscando obter esse favor por meio de nossos próprios esforços.

Foi observando as ordenanças de Deus, ou foi pela graça todo-poderosa de Deus que Israel entrou na terra da promessa? Eles entraram como uma nação em incircuncisão e, portanto, foi exclusivamente pela graça soberana de Deus. O povo de Israel foi circuncidado antes que a sentença judicial fosse proferida sobre os homens de guerra em Escol, onde eles desprezaram a graça de Deus e, portanto, tiveram quarenta anos de peregrinação no deserto designados a eles. Durante esses quarenta anos, a nação negligenciou a circuncisão. Deus, portanto, considerando Seu povo como um todo, agora que Ele os havia trazido para a terra da promessa, ordenou a Josué **"torna a circuncidar os filhos de Israel"**.

Deus não exigiu circuncisão de Israel enquanto eles vagavam **"pelo caminho"**, mas quando Ele os trouxe para a terra, então (**"naquele tempo"**) Ele a exigiu. E por que Deus não buscou circuncisão do povo de Israel, enquanto eles andavam no deserto? O deserto era o cenário de sua desconfiança de Deus. Enquanto estavam lá, eles duvidaram de Sua promessa de trazê-los para Sua terra, e não estavam, portanto, em uma condição que justificasse aquela separação completa para Si mesmo que a circuncisão significava. Mas agora, sendo trazidos pela própria fidelidade de Deus, e podemos dizer, quase a despeito deles mesmos, para a terra da promessa, e, porque eles estavam lá, não duvidando mais, Deus podia chamá-los para a circuncisão. A graça os havia libertado da incredulidade do coração deles – a graça os havia trazido para a terra, e Deus podia chamá-los para a proximidade total de Si mesmo, e, conseqüentemente, para a separação completa do resto das nações.

Um espírito desconfiado é ignorante do verdadeiro caráter de Deus e, conseqüentemente, não é moralmente adequado para a separação para Si mesmo; mas Deus, tendo nos trazido por Sua graça para saber que estamos nos lugares celestiais em Cristo,

busca a separação para Si mesmo, correspondendo à liberdade para a qual Ele nos trouxe. A graça conhecida e realizada é o único poder verdadeiro para a separação do coração para Deus.

“E foi esta a causa por que Josué os circuncidou: todo o povo que tinha saído do Egito, os varões, todos os homens de guerra, eram já mortos no deserto, pelo caminho... Porém, em seu lugar, (o Senhor) pôs a seus filhos; a estes Josué circuncidou, porquanto estavam incircuncisos, porque os não circuncidaram no caminho”.

Aqui é feita distinção entre os homens de guerra que saíram do Egito e aqueles que cresceram no deserto. Os **“homens de guerra”** que saíram do Egito, porque **“não obedeceram à voz do Senhor”** a respeito da terra prometida, foram consumidos no deserto (veja Nm 14:32-33). Em Escol, eles foram incrédulos quanto à promessa de Deus de trazê-los para a terra, e então adicionaram ao seu pecado de incredulidade o da obstinação, obstinação até mesmo para subir à terra da promessa em sua própria energia desobediente. Deus rejeitou tais homens de guerra, e em vez destes, Ele levantou no deserto outros, a quem Ele treinou, por disciplina, para Si mesmo.

Israel aprendeu a morte para seus homens de guerra que saíram do Egito por um longo e doloroso processo; um por um, por quarenta anos exaustivos, eles caíram e morreram, até que todos foram consumidos. E lentamente, muito lentamente, a força e o vigor que trouxemos do mundo morrem em nós, à medida que Deus disciplina, castiga e nos ensina o que somos. Esta lição não é aprendida em um dia. É uma experiência para toda a vida e, em certo sentido, ocupa todos os nossos “anos de tolice” de nossa peregrinação. No entanto, este ensinamento é abençoado, pois a mesma mão que **“consume”**, levanta outros em lugar daquilo que ela murcha. No próprio lugar da disciplina, isto é, este mundo desértico, Deus desperta em Seu povo novos poderes; à medida que o “eu” morre, a vida de Cristo se manifesta. O processo é doloroso, mas o fim é abençoado. Deus consome nosso zelo

carnal em graça, para que Seu próprio poder possa habitar em nós.

A circuncisão com Israel era meramente uma ordenança carnal e, em comum com todas as ordenanças, não dava poder para comunhão com Deus, nem para conflito com Seus inimigos. Era um sinal de que os filhos de Israel eram a família terrenal de Deus e um povo separado de todo o resto da humanidade. A circuncisão feita sem mãos, com a qual o Cristão é circuncidado, em Cristo, é uma separação do mundo para Deus. Deus havia trazido Seu povo, Israel, para Sua própria terra, e sendo esta a posição deles diante d'Ele, por necessidade, para satisfazer Seu próprio caráter, Ele exigiu deles uma condição adequada. Ele não podia, sem Se comprometer a Si mesmo, permitir que Seu povo fosse como o resto da humanidade. **“A santidade convém à Tua casa, Senhor, para sempre”** (Sl 93:5). É um princípio na Escritura que quanto mais próximo for o relacionamento com Ele próprio, no qual Deus graciosamente traz Seu povo, mais rigoroso é o chamado feito a eles para separação do mal.

Deus primeiro trouxe Israel através do Jordão para Canaã, e então Ele ordenou que fossem circuncidados. Assim como Israel foi separado para Deus pelo rio Jordão, do Egito, do deserto e de seus antigos **“homens de guerra”**, assim o Cristão, pela morte de Cristo, é separado do mundo e de sua velha natureza para Deus, seja em sua incredulidade ou energia. E porque temos uma nova vida em Cristo, somos ordenados, no poder dessa vida, a nos considerar mortos. Na caminhada e testemunho do crente, a ordem da Palavra de Deus é assim: **“ressuscitastes”**; **“estáveis mortos”**; **“já ressuscitastes”**; portanto, **“buscai as coisas que são de cima”**, e **“pensai nas coisas que são de cima”**. **“Já estais mortos”**; portanto, **“Mortificai, pois, os vossos membros”**. **“Já ressuscitastes”**; Cristo é sua vida; daí a força para a energia celestial. Vocês estão mortos; Cristo morreu; daí o poder para morrer para o mundo e para si mesmo. O Cristão está, aos olhos de Deus, morto para tudo aquilo pelo qual Cristo morreu; **“o nosso velho homem foi com Ele crucificado”** (Rm 6:6). Mas o

Cristão, embora tenha vida divina, ainda está na carne. Antes ele andava na concupiscência da carne; mas agora, estando morto com Cristo, ele é exortado a “despir-se” dos vícios da velha natureza, **“pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou”**. A natureza de Adão é chamada de **“velho homem”**, do qual se diz que o Cristão já “se despiu”. Aqueles que não estão mortos com Cristo estão vivendo em desobediência a Deus, e são chamados de **“filhos da desobediência”** (Ef 2:2; Cl 3:6). Eles são assim chamados porque são de seu pai Adão, o homem desobediente.

Assim como o povo de Israel, por ter sido trazido através do Jordão, foi ordenado por Deus a ser circuncidado, e seus caminhos descuidados no deserto não foram mais permitidos; assim o Cristão, por ter morrido com Cristo para o mundo e para seu antigo “eu”, é exortado a mortificar seus membros, e seus caminhos mundanos não são mais permitidos. Essa mortificação é simplesmente a negação própria, pelo poder do Espírito Santo. O homem ama naturalmente o pecado; ele ama seu próprio caminho, que é a essência do pecado; mas aquele que vive em Cristo é chamado a morrer para si mesmo na caminhada e conduta diárias. Não há maneira de viver para Cristo, a não ser morrendo para si mesmo.

O Filho de Deus, visto na glória, seca todas as fontes da nossa velha natureza por um lado, e por outro, energiza a nova vida. E se o Cristão quiser viver de acordo com a medida daquela graça em que ele está – como alguém vivo no Cristo ressuscitado, ele deve se lembrar de que morreu com Cristo para o mundo. Seria impossível se gloriar no fato de ter ressuscitado com Cristo, a menos que estivéssemos mortos com Ele. Não poderia haver assento para o Cristão nos lugares celestiais, a menos que Cristo tivesse sido pendurado na cruz pelo pecado. Não poderia haver habitação nas cidades da terra da promessa para os filhos de Israel, se eles não tivessem passado pelo Rio da Morte.

Esse sistema de doutrina Cristã que meramente se gloria na vida que **“está escondida com Cristo em Deus”**, e não trata o “eu” como morto, é impraticável. Para sermos práticos em nossa caminhada sobre a Terra, devemos ser como homens circuncidados; como homens que, estando mortos para o mundo e para o “eu” por Cristo, mortificam seus membros que estão na Terra.

Não era de forma alguma suficiente para Israel saber que eles atravessaram o Jordão, a fim de desfrutar das riquezas da herança; pois até que a circuncisão fosse efetuada, nenhuma comida de Canaã foi servida a eles, nem eles foram chamados para o conflito. E podemos ter certeza de que, enquanto andarmos na carne e nos agradarmos, não pode haver comunhão – nenhuma alimentação em Cristo. Nem pode haver vitórias para o Senhor, a menos que o “eu” seja subjugado.

A tendência do homem é dar destaque indevido a alguma doutrina favorita, e a tristeza causada por essa falha universal é generalizada. Deus ultimamente tem graciosamente ensinado a Seu povo muitas verdades relativas à vida em Cristo e ao chamado celestial da Igreja; e Satanás está ocupado tentando induzir o povo de Deus a tomar porções apenas dessas verdades, para que ele possa introduzir pesos falsos nas balanças e, assim, transformar a graça de Deus em dissolução (ou libertinagem – ARA).

Satanás quer enganar o jovem crente levando-o à sombria atmosfera de uma Canaã imaginária, onde a carne tem permissão para agir. Neste Cristianismo imaginário, a circuncisão – mortificação própria – não é permitida; o resultado prático de estar morto com Cristo não tem permissão para ferir a vontade. Mas não há estabilidade de alma, nenhuma devoção sólida. Tal crente é como o inseto, que, composto apenas de asas, e não tendo peso algum, é expulso do jardim de flores pela primeira tempestade. Quando Deus, por Seu Espírito, conduz tal pessoa para a plena luz clara de Sua própria presença, há uma santa e

vigilante negação própria que supera todas as pretensões do Cristianismo professante.

Triste como é o resultado de deixar a imaginação levar a alma, talvez o efeito de aceitar a verdade divina no intelectualismo seja ainda mais. Um Cristão que sustenta a doutrina da morte com Cristo e da ressurreição com Cristo, apenas no entendimento, sai da luz do Sol da presença de Deus para uma terra de frieza mortal. Se ele transgride, ele não exercita sua alma sobre seu pecado, mas responde: “Estou morto”. Ele cobre seus maus caminhos com um manto de doutrina semelhante ao gelo, e talvez vá tão longe em distância moral de Deus a ponto de dizer que seu *caráter* Cristão é de pouca importância comparado com sua *posição* em Cristo. Infelizmente, esta não é uma imagem fantasiosa; vimos os frutos ternos do cultivo de Deus rudemente pisoteados por homens deste espírito. A doutrina tem sido ostentada, mas as virtudes que pertencem a ela têm sido ignoradas. É, de fato, uma coisa vã sustentar uma doutrina apenas em palavras; na melhor das hipóteses, não é melhor do que o brilho claro da Lua em uma paisagem desolada coberta de neve, que não alegra nenhum coração e não desperta nenhum desejo de permanecer sob sua influência.

Se a circuncisão em seu significado espiritual fosse corretamente valorizada, tais abusos da verdade de Deus certamente não encontrariam lugar no coração do crente. Mortificar nossos membros não é um exercício indolor. *Dizer: “Estamos mortos”* não é mortificante; mas *negar os desejos de nossa velha natureza* porque **“estamos mortos”** é. **“Se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”** (Rm 8:13).

O mero fato da entrada do povo de Israel em Canaã não os constituiu em liberdade diante de Deus. Eles foram trazidos para a terra da promessa pela passagem do Jordão, mas não foram declarados livres por Jeová até serem circuncidados. **“Disse mais o SENHOR a Josué: Hoje, revolvi [removi – ARA] de sobre vós o opróbrio do Egito; pelo que o nome daquele lugar se chamou**

Gilgal (isto é, Remoção ou Liberdade), **até ao dia de hoje**" (Js 5:2-9). Deus tirou Seu povo do Egito, através do deserto e, para a Terra da Promessa, ordenou que fossem circuncidados e então declarou que Ele os havia libertado.

A liberdade de Deus para Seu povo é feita por Ele próprio e, portanto, perfeita. É o que Ele aprova e Se deleita completamente. E o meio pelo qual, passo a passo, Ele traz Seu povo ao desfrute dessa liberdade é a graça. Se somos homens de Deus já livres, é evidentemente na terra da promessa que temos liberdade, pois somente na plenitude do favor de Deus podemos experimentar Sua remoção da reprovação de nossa escravidão.

Agora, todo crente em Cristo está espiritualmente sobre o rio da morte, e assentado nos lugares celestiais; **"acabando todo o povo de passar"**, pois Cristo ressuscitou. É então uma questão solene e profunda que o crente pode colocar a si mesmo: Sou um dos homens do Senhor já livre? Não apenas ressuscitado com Cristo e assentado em Cristo nos lugares celestiais, mas praticamente livre do amor ao mundo? Será que a morte de Cristo cortou minhas afeições pelo mundo, ou ainda há, como Israel cobiçou às vezes a comida do Egito, uma cobiça por suas atrações? O próprio Deus declarou que Seu povo era livre; sua liberdade era o resultado de Sua própria obra. Sua mão graciosa havia trabalhado tanto por eles que eles não apenas passaram pelo Jordão e entraram na terra de Canaã, mas se circuncidaram.

Gilgal é o centro da força de Israel em todos os conflitos registrados no livro diante de nós. Para lá eles se dirigiram; tanto após a vitória quanto após a derrota, lá estava o arraial. E precisamos de um retorno contínuo ao nosso Gilgal; tanto na hora da tristeza quanto no tempo da prosperidade. Se quisermos ser homens verdadeiros para o Senhor, devemos sempre nos apressar para o lugar secreto da força – o santo julgamento próprio na presença de um Salvador outrora crucificado e agora ascendido.

Como este é um princípio tão profundamente importante, que seja repetido: Deus exorta Seu povo a colocar em prática aquilo que realmente existe. Ele diz: **“já estais mortos”**; portanto, **“Mortificai, pois, os vossos membros”**. Deus coloca a morte em nossa velha natureza como ponto de partida; o homem, em seus ensinamentos religiosos, exorta a destruir a velha natureza para que, em algum dia, a vida possa ser alcançada, e assim leva as almas ao desespero. Esses feitores são mais implacáveis do que aqueles que espancaram os escravos no Egito quando, sendo a palha tirada deles, eles alegaram sua impotência para fazer os tijolos. Amargo é o clamor que se eleva a Deus de muitos de Seus amados; alguns, afligindo seu corpo para se purificarem de suas concupiscências; alguns, torturados com penitências; alguns, levantando-se cedo e dormindo tarde; todos espancados por tiranos espirituais e incitados a suas tarefas sem esperança, com as palavras **“Vós sois ociosos; vós sois ociosos”**. Esses estão tentando destruir sua velha natureza; não sabendo que foram crucificados com Cristo e estão mortos; os tais estão se esforçando para mortificar a si mesmos por sua própria força, sendo ignorantes do poder do Espírito que habita neles. **“se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”**. **“A carne para nada aproveita”** (Rm 8:13; Jo 6:63).

É maravilhoso, diante de um ensino tão claro como é o das Epístolas aos Colossenses e aos Efésios, que tais escravos espirituais possam se submeter à sua escravidão. A menos que o crente tivesse uma nova natureza, ele não seria convidado a se considerar (sua velha natureza) morto. Quando o Cristão impõe a si mesmo a escravidão das ordenanças carnis, se sujeita a um sistema religioso, que se dirige à alma por meio de seus sentidos – por meio de visões, cheiros e sons – evidentemente não é de fé nem do Espírito de Deus. Se, pela morte de Cristo, o Cristão é separado e morto para os rudimentos (ou elementos) do mundo, será que ele deve, como se estivesse vivendo no mundo, estar sujeito a ordenanças que afetam meramente os sentidos de sua velha natureza, **“Não toques; não proves; não manuseies”**? Será

que ele se desviará de sua Cabeça exaltada nos céus, de Quem todo alimento é ministrado, para elementos tão fracos e miseráveis como carnes, bebidas, feriados, luas novas ou sábados? Quem enganará o mais fraco dos homens de Deus já livres com uma falsa humildade e adoração de anjos? Essa *“demonstração de sabedoria”* é segundo os mandamentos e tradições dos homens, e não segundo Cristo.

As fontes da vida do crente estão em Deus, e não no homem; e esta verdade simples, mas abençoada (abençoada além de qualquer expressão para aqueles que conhecem experimentalmente um pouco do funcionamento do pecado interior), é a torre forte do crente. Não há uma partícula de relacionamento com Deus através dos canais da natureza do velho Adão. Quando Deus fez esses canais, eles eram amáveis e, como originalmente formados, o relacionamento com Deus fluía através deles. Mas, quando Adão caiu – quando, em desobediência e independência, ele comeu do fruto proibido – as fontes de sua natureza foram corrompidas e os canais quebraram. Deus nunca purificou as fontes, nem reparou os canais. Ele os deixa em ruínas. Agora, de Cristo nos céus, como de uma fonte vivificante, e por meio do Espírito Santo, como por um canal, a nutrição é ministrada ao povo de Deus na Terra. A água celestial alimenta a nova natureza que Ele transmitiu ao Seu povo, ela não ministra nada à velha natureza – ela nunca a alcança. Aqueles que podem ter observado os poços cavados ao redor das encostas das colinas italianas, que recebem sua nutrição da fonte distante, entenderão nossa ilustração. Lá, durante os longos meses de verão, a seca resseca os vales e, para suprir a necessidade de suas frutas, os camponeses cavam poços nas encostas das colinas. Os poços recebem sua nutrição da montanha cercada pelo céu, de cujas alturas a fonte inesgotável derrama suas águas. As águas da fonte são, podemos dizer, a vida dos poços. E o meio pelo qual a água é recebida nos poços é um curso de água em forma de fio, humilde aos olhos, mas de extrema importância. Este curso de água vai do topo da montanha até os poços,

atravessando ravinas e desfiladeiros em seu curso descendente, e traz, com certeza infalível, a generosidade da fonte até os poços. Assim como a fonte é o nosso Cabeça no céu, e assim como o curso de água, é o bendito Espírito de Deus, que testifica d'Ele; e comunica de Sua plenitude ao povo de Deus.

A Palavra de Deus ensina essa doutrina, e a experiência do filho de Deus testemunha sua verdade. Apelando para essa experiência, apelamos para o testemunho do Espírito a respeito de Cristo dentre o povo de Deus. Agora, o que diz essa voz? Ela fala somente de Cristo, que é nossa Vida, nossa Fonte, nossa Força. Nada vindo do "eu", ou no "eu" ajuda, o mínimo que seja, a conhecer, amar ou desfrutar de Cristo; mas, ao contrário, quando o "eu" é colocado fora de vista, considerado morto e esquecido, então o amor de Deus e o poder de Deus encham o vaso de barro. **"Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne"** (Fp 3:3).

O que Deus quer que Seu povo use para sua mortificação própria? É, cremos, a cruz de Cristo. Sendo ressuscitados com Ele, temos graça para usar o fato de Sua morte, como o instrumento de separação do que é do "eu" e do mundo. A cruz provou que nosso velho homem – o "eu" – está judicialmente morto **"para com Deus": "já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o Qual me amou e Se entregou a Si mesmo por mim"** (Gl 2:20). Quando o crente, pela graça de Deus, percebe que está morto com Cristo, não há mais desculpa dada para a propensão do velho homem a agir de forma contrária a Deus, ou permissão para as obras da carne, ou sanção para pecar. E na medida em que ele anda com Deus no poder da vida d'Aquele que nos amou e Se entregou por nós, ele tem graça para praticamente recusar as inclinações da carne. A mente carnal ainda é inimizada para com Deus. O mundo que odiava o Filho de Deus, ainda é o mundo. Sua religião, seus governantes, seu povo, todos e cada um, se opõem a Cristo. Mas será que o poder da

cruz falhou no coração e vida daqueles que estão mortos para o mundo e vivos para Deus?

É vão dizer: Nós ressuscitamos com Cristo, e estamos assentados n'Ele nos lugares celestiais, se andamos aqui como homens da Terra. **“Já estais mortos... mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a Terra”.**

Comunhão com Deus - Josué 5:10-12

“Estando, pois, os filhos de Israel alojados em Gilgal, celebraram a Páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó” (Js 5:10).

Exatamente quarenta anos antes de os filhos de Israel acamparem em Gilgal, eles eram escravos trabalhando arduamente na casa da servidão, e Deus havia preparado sua entrada em Canaã de tal forma que a primeira festa que eles celebraram lá foi a lembrança de sua libertação.

A Páscoa e a festa da Páscoa eram distintas; uma era a libertação em si, a outra o memorial da libertação. Na primeira, Israel estava ocupado com sua fuga, na outra, eles meditavam sobre os meios pelos quais Deus os havia tirado de lá.

Eles agora se regozijavam diante de Deus de uma maneira impossível até então, pois estando em Canaã eles não tinham nenhum anjo destruidor a temer como no Egito. E para aqueles que estão em Cristo Jesus, que passaram da morte para a vida, agora não há julgamento. Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós. Vamos celebrar a festa; vamos meditar com ações de graças sobre nosso resgate e sobre o amor de nosso Salvador ao morrer. Deus deu descanso à nossa consciência e Ele quer que nossas afeições estejam em constante exercício. Na proporção em que contemplamos o sacrifício de Cristo, nosso coração cresce em comunhão com Deus Pai.

Se não tivéssemos passado da morte para a vida, não poderíamos nos lembrar da morte do Senhor Jesus, e quanto mais conhecemos a vida eterna em Cristo, maior o valor que damos à Sua morte.

Houve um testemunho aos olhos de Deus quando Seu povo redimido, a quem Ele havia trazido para a terra, celebrou a festa

da Páscoa. **“E te será por sinal sobre tua mão e por lembrança entre teus olhos”** (Êx 13:5-10). E Deus é glorificado na lembrança da morte de Cristo por Seus redimidos, que estão assentados n'Ele nos lugares celestiais.

Enquanto Israel estava alojado em Gilgal, o lugar de perfeita liberdade, Deus preparou esta mesa para eles na presença de seus inimigos **“nas campinas de Jericó”**.

Mas isso não foi tudo; **“E comeram do trigo da terra, do ano antecedente, ao outro dia depois da Páscoa... E cessou o maná no dia seguinte, depois que comeram do trigo da terra, do ano antecedente, e os filhos de Israel não tiveram mais maná; porém, no mesmo ano, comeram das novidades da terra de Canaã”** (Js 5:11-12). Até que a terra fosse conquistada, o trigo do ano antecedente não poderia ser comido. O trigo da terra do ano antecedente representa o Senhor Jesus ressuscitado dos mortos. Ressuscitados com Ele, entramos n'Ele nos lugares celestiais, e Ele é a força de nossa alma. Se quisermos crescer na apreensão de nossa herança celestial, isso precisa ser por nossa comunhão com o Salvador ascendido. Ele é nosso Objeto celestial, e só podemos apreciar em algum grau as riquezas das **“coisas que são de cima”** pela intimidade com Ele por meio da graça e do poder do Espírito.

A necessidade diária do crente o lança sobre o Senhor Jesus, que uma vez foi humilhado e rejeitado aqui. Precisamos de graça adequada para o dia, e devemos ir até Ele que, tendo Ele mesmo passado pelo deserto, é Aquele que pode nos socorrer e fortalecer, e assim aprendemos sobre Ele como **“o pão do céu”**, como o maná.

Quanto ao corpo mortal, o crente está no deserto, mas **“sua vida está escondida com Cristo em Deus”**, e os suprimentos para esta vida são todos encontrados na Pessoa de Cristo. Precisamos conhecer Cristo tanto como o Maná, quanto como o Trigo da terra, do ano antecedente.

Pão sem fermento acompanha essas festas. **“o levedado não se verá contigo, nem ainda fermento será visto em todos os teus termos”**. **“E comeram do trigo da terra, do ano antecedente, ao outro dia depois da Páscoa; pães asmos e espigas tostadas comeram no mesmo dia”**. É impossível perceber a presença de Cristo, alimentar-se d'Ele e, ao mesmo tempo, a impiedade ser doce na boca, estar escondida sob a língua. Quando temos comunhão com Cristo, isso também é conhecido **“no mesmo dia”**. Façamos festa com os **“asmos da sinceridade e da verdade”**.

Daí em diante, a terra de Canaã fornece alimentos a Israel, **“no mesmo ano, comeram das novidades da terra de Canaã”**.

Mas vamos notar a ordem divina: primeiro o trigo do ano antecedente, depois as novidades (o fruto – ARF) da terra; primeiro Cristo, depois o gozo das coisas celestiais.

Haverá alguém que leia estas páginas sem se importar com as bênçãos celestiais, sem ter gosto pelas coisas divinas? Ele ainda não provou que o Senhor é gracioso. Ele está satisfeito com o mundo. A alma farta pisa o favo de mel, assim o coração do homem mundano se afasta de Cristo.

As festas de Israel eram realizadas anualmente, eram apenas sombras passageiras da substância eterna. Nossas festas são eternas. Nossa Páscoa é uma **“festa ao Senhor”, “perpétua”**, o trigo celestial de nossa terra celestial, o alimento para sempre.

Vitória - Josué 5:13-15; Josué 6

“Pela fé, caíram os muros de Jericó, sendo rodeados durante sete dias” (Hb 11:30).

Muito tinha que ser feito por Israel antes que Deus pudesse usá-los como Seu exército, como a passagem do Jordão – a circuncisão e Gilgal – a Páscoa e o trigo da terra do ano antecedente – testemunharam um por um. O povo agora sai para a guerra. Toda a terra foi dada a eles, mas sob a condição expressa de conquistar cada palmo dela, portanto, sua responsabilidade de entrar na plenitude de sua bênção não cessaria até que todo inimigo em Canaã, todo gigante e toda cidade murada fossem subjugados. Somente quando tudo isso fosse feito eles poderiam se assentar e descansar.

Josué, recém-saído das festas da Páscoa e das primícias, aproxima-se de Jericó e vê o Príncipe (ou Capitão) do exército do Senhor, **“que tinha na mão uma espada nua”**, e, adorando a Seus pés, ouve que a cidade, seu povo e seu rei foram entregues nas mãos de Israel, e também aprende quais armas devem ser usadas na guerra.

Deve-se notar que Josué 6:1 é um parêntesis, ocorrendo no meio das palavras do Príncipe do exército do Senhor, que marca o espírito endurecido e desafiador de Jericó; **“Jericó cerrou-se e estava cerrada... nenhum saía nem entrava”**. Eles não creram (veja Hb 11:31). Esta descrição é, infelizmente, muito verdadeira para o espírito que agora governa o mundo. Estamos então, dia a dia, tomando nossa marcha de fé, por mais desprezível que pareça aos olhos dos homens mundanos, ou não estamos? Estamos entre a companhia desprezível que sopra as trombetas de chifres de carneiros, ou estamos entre os escarnecedores sobre os altos muros da cidade da destruição?

Jericó é o mundo em figura. O Egito também é uma figura do mundo, mas como a **“casa da servidão”**, da qual Deus liberta o pecador pelo sangue do Cordeiro. Jericó é o mundo como a cidade da destruição para a qual, como um soldado de Cristo, e no poder da ressurreição de Cristo, o crente vem para conquistar.

O Senhor havia prometido que Israel seria vitorioso. Sua arma de guerra era a fé. **“Pela fé, caíram os muros de Jericó”**. A fé se apodera de Sua força com Quem todas as coisas são possíveis, e assim **“tudo é possível ao que crê”**. Se as cidades são **“muradas até o céu”**, Deus Se assenta no trono do céu. Se os antagonistas do crente são **“os príncipes das trevas deste século [deste mundo – ARA]”**, o Senhor de tudo é sua força. Portanto, quaisquer que sejam os inimigos, como eles são menos que nada diante de um Deus Todo-Poderoso, o soldado de Cristo, se agindo em confiança no Senhor, avança em plena certeza contra eles; **“Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”**: A mão de Deus não é encurtada, e Ele responde à oração por Seu povo agora tão poderosamente quanto quando, de acordo com a fé de Israel, os muros de Jericó caíram: e aqueles que contam com Ele para tudo, provam por suas vitórias frequentes, quão agradável é a Deus quando Seu povo deposita sua confiança n'Ele. **“Maior é o que está em vós do que o que está no mundo”**.

Josué deu ordens apenas para o dia, embora o Senhor tivesse designado sete dias para a obra de fé de Israel. No primeiro dia, ele disse: **“Rodeareis a cidade... uma vez”**, e assim o que ocupou a mente deles foi a vitória final prometida pelo Senhor, e não a marcha do próprio dia. Deixemos os resultados com Deus. Se estivermos ocupados com os resultados presentes da obra que nosso Deus nos designou, a fé dificilmente estará em exercício. O clímax da obra de fé do crente, e o fim para o qual devemos olhar, é a vitória final – o dia de Jesus Cristo.

Israel teve que aprender paciência também em sua obra de fé, pois eles tiveram que marchar sete dias ao redor de Jericó, e no sétimo dia sete vezes. Se eles não tivessem marchado

persistentemente, o muro de Jericó não teria caído. E há uma provação de fé sétupla, perfeita, para o soldado de Cristo em seu caminho de obediência. E o Senhor frequentemente faz Seu povo passar pela disciplina da expectativa, como fez com Israel, para que Ele possa trazer à tona as qualidades de soldado neles. **“A prova da vossa fé produz a paciência”**.

Além da fé inabalável e da paciência de Israel, havia diligência: **“Josué se levantou de madrugada”**, e, no sétimo dia, **“ao sétimo dia, madrugaram ao subir da alva”**. A fé genuína, enquanto repousa calmamente em Deus, nunca é ociosa. Quanto maior a fé do soldado de Cristo, mais vigorosa sua energia no trabalho de seu Capitão. Mas vamos prestar atenção à ordem divina; fé primeiro, energia depois. Infelizmente, a ordem é frequentemente invertida. Em tal energia, o “eu” é a fonte de força, e Deus é deixado de fora. A fé conecta nossa alma com Deus, e não podemos exercitar a fé a menos que estejamos em comunhão com Ele. Ela extrai toda a força d'Ele. É um princípio ativo e vigoroso, que nunca perde de vista seu objetivo, mas, ao mesmo tempo, é paciente.

Obedientes à palavra de Josué, **“Não gritareis, nem fareis ouvir a vossa voz, nem sairá palavra alguma da vossa boca, até ao dia em que eu vos diga: Gritai! Então, gritareis”**; Israel marchou ao redor de Jericó, e por sua ação expressou a obediência do coração deles. A mente de Deus deve ser legível na vida dos de Seu povo agora. Uma vida Cristã é mais convincente do que sermões ou livros. E neste testemunho, tanto o recém-convertido quanto o pai em Cristo têm parte. Que ninguém diga que é muito fraco, mas que aprenda sobre o exército de Israel, onde não apenas os **“homens de guerra”**, mas também **“o exército reunido”** – **“a retaguarda”** – foram ordenados a rodear a cidade.

O resultado certo da fé em Deus é a vitória. À medida que as trombetas soavam continuamente, era como se Israel fosse proclamado conquistador, ou melhor, como proclamassem o triunfo que se aproximava. É verdade que o dia do jubileu ocorreu

apenas muitos anos após a queda de Jericó, mas as trombetas usadas na ocasião tiveram seu significado, soando a fé triunfante diante da desafiadora Jericó. O soldado de Cristo tem um cântico de vitória agora mesmo – antecipando seu jubileu – e o Senhor nas alturas ama ouvi-lo cantado. Não deveríamos ficar atrás dos nobres homens de fé de tempos passados, pois sabemos que tudo o que se opõe a si mesmo – tudo o que isola Cristo do mundo, o poder do deus e rei deste mundo, tudo, será submetido ao nosso Senhor. Se colocássemos nosso cântico e nosso louvor, por assim dizer, à frente, como fez Israel; se disséssemos ao nosso coração: **“Crede no SENHOR, vosso Deus, e estareis seguros [estabelecidos – TB]”**, nos regozijariamos sobre mais inimigos do que fazemos agora. A simples confiança no Senhor começa e termina o conflito com ações de graças; e se percebermos que Cristo está conosco, como Israel carregou a arca em sua frente, aí haverá louvor. Quem dera que o exército do Senhor agora apresentasse uma unidade gloriosa de fé, paciência, diligência, obediência e triunfo, como o fez o povo de Israel ao cercar Jericó! Que cada crente, na perspectiva do dia vindouro, pudesse obedecer à ordem de seu Capitão e subir, seja o caminho áspero ou suave, **“cada um para o lugar que lhe ficar defronte”** (TB)!

Esta palavra, **“cada um para o lugar que lhe ficar defronte”**, é particularmente adequada aos nossos dias, quando os homens seguem os passos uns dos outros, quando a nobreza da individualidade está tão ausente, e quando poucos ousam desafiar o escárnio de serem peculiares em obedecer à Palavra de Deus.

Que nunca nos esqueçamos de que este mundo é a Cidade da Destruição e, lembrando-nos disso, demos toda a atenção ao aviso solene contido na maldição de Josué sobre aquele que reconstruísse Jericó!

Derrota - Josué 7:8-29

“Estrangeiros lhe devoraram a força, e ele não o sabe; também as câs se espalharam sobre ele, e não o sabe” (Os 7:9).

Profundas e comoventes são as lições ensinadas pela derrota de Israel diante de Ai, onde corações, fortes pela fé, tornaram-se fracos como água, e onde o grito de vitória se transformou em choro.

No primeiro versículo de Josué 7, o dedo de Deus aponta para a fonte secreta de onde a tristeza surgiu. O mal começa por dentro e se manifesta para fora, **“o seu coração enganado o desviou”**. O crente em declínio é como o nobre carvalho que, em um estado de decadência, retém a aparência externa de vida e vigor muito depois que sua força se foi.

É somente na luz que podemos ter comunhão com Deus, e se Israel estivesse andando na luz, eles teriam buscado conselho d'Ele antes da batalha e, assim, teriam sido poupados de sua tristeza.

Israel julgando pela vista, *eles subiram e observaram a terra*, e, entusiasmados com a vitória, eles dependeram de seus próprios recursos em vez de Jeová. **“Não fatigues ali a todo o povo, porque poucos são os inimigos”**. Portanto, quando a derrota veio, o desespero que os tomou expressou a real condição do coração deles. As circunstâncias sempre trazem à tona o que há em um homem, revelando seu estado real. Quando a derrota toma conta do crente que tem confiança em si mesmo, o desespero rapidamente se apodera dele.

Josué quase culpou Deus pela queda de Israel. Em sua amargura, ele exclamou: **“Ah! Senhor JEOVÁ! Por que, com efeito, fizeste passar a este povo o Jordão, para nos dares nas mãos dos amorreus, para nos fazerem perecer?”** O desespero surge

quando nos afastamos de Deus. Josué considerou todo o Israel como completamente destruído, e chegou ao extremo, quando disse: **“que farás ao Teu grande nome?”** Mas, na verdade, esta era a própria pergunta que havia sido respondida pela derrota e o massacre que ele lamentava; e Deus ordenou que ele soubesse que Israel havia pecado, e que Seu nome deveria ser purificado da associação com o mal a qualquer custo. Israel havia tomado do anátema; eles também haviam roubado e mentido.

Quando o povo de Deus intencionalmente toca o mal – rouba aquilo que Ele designou para o fogo, dissimulação e desonestidade os caracterizam. E como **“Deus é luz, e não há n’Ele treva nenhuma”**, Ele tem uma questão com os tais, tanto por causa do **“anátema (coisa condenada – ARA)”**, quanto porque eles não andaram **“honestamente”** como **“filhos do dia”**. Deve o povo de Deus, cujos pecados são tirados pelo sangue de Jesus, o próprio Filho querido de Deus, esconder o mal em seu meio, quando Israel, que se aproximou de Deus pelo sangue de touros e bodes, que nunca poderia tirar o pecado, foi separado d’Ele porque o anátema estava entre suas coisas? **“Santificai-vos”**.

“Anátema há no meio de vós, Israel; diante dos vossos inimigos não podereis sustentar-vos, até que tireis o anátema do meio de vós”.

Josué não foi vagaroso em obedecer, **“Então, Josué se levantou de madrugada”** e, em obediência à Palavra de Deus, procurou o mal. Quando o mal foi detectado, o cuidado do povo pela glória do grande nome de Jeová foi despertado. Eles correram, tiraram as coisas escondidas, vomitaram-nas a todo o Israel e as colocaram diante do Senhor. Nenhuma vergonha do pecado foi encoberta, pois a questão com o povo era esta – Acã ou Jeová. Não havia trégua para Jericó, como então haveria trégua para o israelita que trouxe a coisa amaldiçoada de Jericó para o arraial do Senhor? E como todo o Israel estava envolvido na desonra feita ao nome do Senhor, então todo o Israel se juntou à

purificação, **“E todo o Israel o apedrejou com pedras, e os queimaram a fogo e os apedrejaram com pedras”**.

Um grande monte de pedras foi erguido sobre o transgressor, pois não era intenção de Israel apagar a memória da triste lição que haviam aprendido. **“Então o Senhor Se desviou do ardor (do furor – ARA) da Sua ira; pelo que se chamou o nome daquele lugar o vale de Acor (Perturbação), até ao dia de hoje”**.

Este Vale de Acor se tornou uma porta de esperança para Israel, e, bendito seja o Deus de toda graça, vales de perturbações ainda são portas de esperança para os contritos, pois, **“se confessarmos os nossos pecados, Ele é Fiel e Justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça”**. A tristeza piedosa é sempre saudável para a alma. Chorar sobre o mal, e colocá-lo de lado, leva a bênçãos renovadas e mais vitórias.

A coisa amaldiçoada em si tem sua instrução. A capa veio de Sinar, a planície sobre a qual Babel foi construída. Os homens daquele dia deixando a luz – viajaram desde o leste, e deixando seus lugares altos – as montanhas onde a arca repousara – encontraram uma planície, e ali uniram corações e mãos para fazerem para si um nome em independência de Deus. Esta foi Babel, ou Confusão. Infelizmente, as capas da apostasia agora não estão apenas escondidas nas tendas dos crentes, mas usadas em plena luz do dia. E quanto à prata e ao ouro, o dinheiro é uma triste armadilha para o povo de Deus, atravessando-os com muitas tristezas.

Israel estava agora restaurado ao pleno favor de Deus. Ele os lembrou das primeiras promessas, e em fidelidade imutável ordenou-lhes novamente: **“Não temas, e não te espantes”**. É assim que o Senhor conduz nossa alma restaurada de volta à fonte de Sua graça, e refrigera nosso coração com Seu amor imutável. Mas porque Israel tinha sido negligente, e disse: **“não fatigues ali a todo o povo”**, o Senhor agora ordena que se esforcem ao máximo, **“toma contigo toda a gente de guerra”**; e como eles tinham confiado em sua própria força, eles agora têm

que passar pela humilhação da fuga fingida para alcançar a vitória.

É bom andar suavemente depois de ter caído, pois embora Deus nos perdoe a iniquidade do nosso pecado quando o confessamos, Ele aprofunda em nós o senso dos nossos maus caminhos.

Há encorajamento recebido pelo modo com que o rei de Ai saiu contra o Israel restaurado. Ele não percebeu nenhuma diferença neles, mas correu orgulhosamente para sua ruína. Os caminhos de Deus com Seu povo confundem os cálculos de seus inimigos, que meramente colocam homem contra homem, e deixam Deus de fora em seu cálculo.

A chave para a vitória final é encontrada na persistente obediência de Josué aos comandos do Senhor: **"Porque Josué não retirou a sua mão, que estendera com a lança, até destruir totalmente a todos os moradores de Ai"**. Precisamos de um propósito de coração e dependência do Senhor. Um homem fiel, de coração pleno, nunca está satisfeito até que o nome do Senhor esteja em triunfo. É um pobre soldado de Cristo aquele que, tendo uma vez estendido a mão por ordem de seu Capitão, a retira antes de alcançar plenamente seu objetivo.

A Palavra de Deus - Josué 8:30-35

“Bem-aventurados os que guardam os Seus testemunhos e O buscam de todo o coração” (Sl 119:2).

A disciplina que Israel havia sofrido produziu os frutos pacíficos da justiça; eles estavam fervorosos em obedecer à Palavra de Deus. Isso é visto na ordem de Josué para enterrar o corpo do rei de Ai antes do pôr do Sol, para que, por ele permanecer no madeiro, a terra não fosse contaminada (Dt 21:23). Mas, além disso, eles agora se dirigiram a Ebal e Gerizim, e ergueram as pedras onde a lei estava escrita.

O Senhor, por meio de Moisés, instruiu Israel a erguer as pedras quando entrassem em Canaã; Ele havia indicado os montes onde eles deveriam colocar a bênção e a maldição consequentes de sua obediência e desobediência à Sua Palavra, e lhes dera a entender que, ao estabelecerem as palavras de Sua lei, eles se colocavam a si mesmos sob a autoridade delas e se tornavam Seu povo disposto. (Veja Dt 11:29-30 e Dt 27:9-10.)

A fé de Josué é expressa na dedicação do primeiro altar erguido por Israel em Canaã ao **“Senhor Deus de Israel”**. Este altar foi construído de pedras brutas, não “poluídas” por ferramentas de ferro, pedras que nenhuma mão humana havia moldado. Era para holocausto e para oferta pacífica, e nenhuma menção é feita de ofertas pelo pecado sacrificadas sobre ele. O sacrifício oferecido sobre ele implicaria, portanto, que Israel ouviu a Palavra de Deus como adoradores e em comunhão com Ele. O altar foi construído sobre o Monte Ebal, de onde os Améns, respondendo às maldições por quebrar a lei, foram proferidos.

Eles também ergueram grandes pedras sobre o monte, caíram-nas com cal e escreveram nelas as Palavras da lei (Dt 27:1-2). Tendo feito isso, os levitas cercaram a arca no vale entre as montanhas e leram as Palavras da lei, todo o exército de Israel

enchendo as encostas (Js 8:33). Os anciãos de Israel, os oficiais e seus juízes; **“assim estrangeiros como naturais”**; o bebê e o guerreiro, homens, mulheres e crianças; ninguém estava ausente. Toda essa vasta companhia foi reunida, para que, por solenes Améns proferidos diante de Deus, pudessem se curvar à Sua Palavra e tomar sobre si mesmos sua responsabilidade.

Que lição essa multidão reunida nos ensina ao manifestar assim sua honra obediente à Palavra de Deus. Infelizmente, a Palavra de Deus é muito pouco reverenciada, muito pouco obedecida por Seu povo agora. Permite-se que ideias humanas fiquem ao lado dela; ela nem sempre é o recurso final, bem como a força e o alimento do povo de Deus. Seu Amém nem sempre sobe para o céu quando seus preceitos são proferidos.

As maldições foram lidas em alta voz pelos levitas e, à medida que cada maldição por desobediência soava nos ouvidos de Israel, as centenas de milhares reunidas no Monte Ebal respondiam com Améns unânimes. Doze vezes eles disseram **“Amém”** às doze vezes proferidas maldições, e a décima segunda, **“Maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei, não as cumprindo!”**, incluía toda possível negligência ou falha. Bênçãos também foram lidas (Js 8:33-34), mas onde estavam os Améns soando do Monte Gerizim? A Escritura é silente quanto a isso. Ela não registra um único **“assim seja”** respondendo às bênçãos conquistadas pela obediência do homem caído (Veja Dt 27). O homem pode justamente concordar com **“todos os estatutos”** (Êx 24:3) da lei de Deus, mas aqueles que permanecem sob a lei permanecem sob sua maldição (Gl 3:10).

A posição do Cristão apresenta um contraste marcante com a de Israel nesta cena. Cristo, por Sua morte, tornou Seu povo livre, pois eles morreram para a lei n'Ele. Sua cruz os separou do poder e domínio da lei, pois a lei não aborda suas demandas a homens que estão mortos: **“meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo”** (Rm 7:4).

O concerto inscrito sobre as pedras cobertas de cal, Paulo disse, mil e oitocentos anos atrás, **“o que foi tornado velho e se envelhece perto está de acabar”** (Hb 8:13), mas o concerto da graça é imutável e eterno. **“se aquele primeiro (concerto) fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo”** (Hb 8:7). Mas o da graça é perfeito diante de Deus. O Senhor Jesus é o Mediador dele. Seu próprio sangue precioso o confirmou.

Nossas bênçãos não são confiadas à nossa própria custódia, mas estão sob a guarda segura e eterna do próprio Deus, nosso Pai, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais **“em Cristo”**.

Nosso altar de ação de graças e adoração não está, portanto, colocado, como o de Israel, sobre um Ebal – um monte de maldições – pois **“Cristo nos redimiou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós”**.

Mas o contraste alcança nossa responsabilidade, bem como nossas bênçãos. Deus requer santidade de Seu povo de acordo com a revelação que Ele lhes dá, assim, o padrão de santidade de Israel era a lei, o padrão do Cristão é Cristo. Na medida em que nossas bênçãos são maiores do que as de Israel, assim é nossa responsabilidade.

O Cristão é amado em graça soberana e é ordenado a obedecer à verdade porque ele é tão amado, a fim de que não seja desobediente, e perca a bondade mostrada a ele (Compare Romanos 12:1-2 com Deuteronômio 11:26-28). Aqueles que dizem que são Cristãos estão professamente sob a autoridade do Senhor Jesus, e sua responsabilidade é andar como Ele andou. **“Aquele que diz que está n’Ele também deve andar como Ele andou”** (1 Jo 2:6). Os tais estão sujeitos aos preceitos da Palavra, e se o Cristão não obedece à Palavra de Deus, ele desmente seu Cristianismo. **“Aquele que diz: Eu conheço-O e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade”** (1 Jo 2:4). É o **“culto [serviço – JND] racional”** daqueles que são trazidos à plenitude da bênção de Deus, apresentar seu **“corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”**. Porque seus

pecados são perdoados por causa do Seu nome, eles devem buscar e fazer aquelas coisas que são agradáveis aos olhos de Deus. **“Porque este é o amor de Deus: que guardemos os Seus mandamentos; e os Seus mandamentos não são pesados”** (1 Jo 5:3).

Aliança - Josué 9

“E sucedeu que, ouvindo isso todos os reis que estavam daquém do Jordão, nas montanhas, e nas campinas, e em toda a costa do grande mar... se ajuntaram eles de comum acordo, para pelejar contra Josué e contra Israel” (Js 9:1-2).

“Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos” (2 Co 6:14 – AIBB).

Provavelmente as notícias de Israel tomando posseção formal da terra em Ebal e Gerizim agitaram a oposição de seus inimigos novamente. Sabemos bem como a inimizade do mundo é despertada quando o povo de Deus afirma a autoridade de Sua Palavra, e o título dele a tudo o que ela promete.

Quando nossos inimigos espirituais se opõem a nós, somos lançados sobre o Senhor em busca de força, e isso é bom; mas se eles se aproximam de nós disfarçados de anjos de luz e nos cumprimentam com a Escritura, corremos o risco de sermos enganados. Israel provou isso em suas relações com os habitantes de Gibeão, que tendo ouvido falar da queda de Jericó e Ai **“usaram... de astúcia”**. Eles pertenciam aos inimigos que estavam lutando contra Israel, mas escolheram a astúcia como sua arma em vez de oposição aberta.

Os embaixadores gibeonitas se apresentaram com bajulação religiosa, elogiando Israel pelo nome de seu Deus. Essa tentação é difícil de resistir, pois é natural ao homem gostar desse tipo de honra. Os príncipes deveriam ter se lançado imediatamente sobre o Senhor e buscado Sua orientação; mas começaram a negociar com o mal, o que sempre abre a porta para a aflição, pois quando Satanás teve tal sucesso com o povo de Deus a ponto de ser autorizado a ser ouvido, ele ganhou um terreno de vantagem. Eva, antes de cair provou ser esse o caso, e assim também todos os seus filhos caídos. **“Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tg 4:7).**

Os embaixadores, ao falar das vitórias do outro lado do Jordão, esquivaram-se da aplicação da Palavra de Deus a si mesmos, mas sem negar completamente Sua autoridade. Eles usaram a verdade inteiramente para seus próprios fins; eles apenas contaram uma parte da verdade e a apresentaram para encobrir a mentira de terem vindo de uma terra distante. Essa é a maneira de Satanás usar a Palavra de Deus, e seus servos não hesitam em assumir a aparência de devoção e falar em termos religiosos; mas nenhum deles se submete à autoridade da Palavra divina ou apresenta toda a verdade.

Os testemunhos desses gibeonitas eram pão mofado, odres de vinho rotos e remendados, sacos velhos, roupas esfarrapadas e sapatos velhos e remendados em seus pés. Esses eram seus meios de engano; e essas coisas gastas são sinais característicos de falsos embaixadores.

Uma aliança era o objetivo dos gibeonitas: **“Fazei, pois, agora concerto conosco”**. A tentação era grande; Israel estava na terra do inimigo, um concerto parecia força, e era um alívio encontrar amigos quando os inimigos o cercavam; mas concerto, na posição de Israel, seria confiar na ajuda humana, e, portanto, era mais perigosa do que a oposição de todas as forças unidas dos poderes da terra. Eles eram vitoriosos sobre as hostes do inimigo enquanto lutavam resolutamente com eles, mas a introdução do inimigo em seu acampamento era o início daquele processo de fermentação que, com o tempo, corrompeu todo o povo.

Satanás frequentemente se esforça para formar alianças entre o povo de Deus e o mundo, assim como o faz para derrubá-los por oposição aberta; de fato, em nossos dias, a associação maligna é sua principal armadilha. Por esse meio, ele ganhou vantagem sobre muitos. Ele os atraiu de sua integridade e dependência vigilante do Senhor para esta areia movediça, onde eles afundaram rapidamente, arrastados para o lamaçal traiçoeiro. Que o Cristão, desejoso pela glória do santo nome de seu Mestre, olhe

ao redor e pergunte: Onde está a Igreja? Onde está o mundo? Não existe agora uma aliança? (Veja Tiago 4:4).

Quando os gibeonitas se dirigiram ao povo de Israel, eles ocuparam um lugar santo. Seu arraial havia sido purificado pela disciplina porque Deus estava lá, e sua responsabilidade era manter o caráter do arraial. A luz da santa Palavra de Deus havia acabado de brilhar intensamente em seu meio na presença do sacrifício, e definia expressamente sua conduta para com o povo de Canaã. As exigências morais de Deus demandavam que Seu povo destruísse completamente todos os idólatras de Sua terra; sendo Santo, Ele exigia santidade em Seu povo. Deus habitava entre eles, poderiam eles, então, impunemente se aliar às trevas? Poderiam aqueles que criam em Deus ter comunhão com os incrédulos? A aliança com os homens de Canaã era praticamente uma negação do Santo nome de Deus, e não era guardar Sua Palavra. Era uma traição à santa confiança que Jeová havia depositado neles, e eles finalmente provaram que, ao se aliar aos cananeus, eles perderam a proteção de Jeová. De fato, os príncipes fizeram a paz, mas foi uma paz com o mal, e não a paz de Deus.

Se os príncipes foram enganados na aliança, foi porque não estavam sujeitos a Deus, e isso só piorou o caso. Eles **“tomaram da sua provisão e não pediram conselho à boca do SENHOR”**. Se cometemos erros de julgamento, é muito mais provável que seja porque nossa própria sabedoria nos engana do que porque sentimos que não temos nenhuma sabedoria. Se aqueles, que guiavam os assuntos do povo de Deus, tivessem se submetido ao Senhor, Ele teria aberto seus olhos e ouvidos, de modo que as mentiras do pão mofado e da bajulação religiosa teriam sido aparentes.

Assim como a confiança própria do povo lhes custou a derrota em Ai, a confiança própria dos príncipes trouxe a aliança com Gibeão. Israel falhou em **“destruir totalmente”** as nações, que conseqüentemente os ensinaram **“a fazer conforme todas as**

suas abominações". Toda a sabedoria de Salomão não lhe valeu contra o mal em sua própria casa; seu coração se desviou do Senhor, e ele se tornou um idólatra. O conhecimento não será a salvaguarda daqueles que corrompem as exigências morais de Deus. Em um dia como o nosso, quando somos assediados pelo espírito de compromisso e da chamada liberalidade, o que é mais incumbência do Cristão do que obedecer à exortação: **"conserva-te a ti mesmo puro"** (1 Tm 5:22), e manter-se rigidamente nos preceitos da Palavra de Deus e fechar a porta de seu coração a todos os convites de aliança com o mal? Poderia ter parecido muito hostil para os príncipes de Israel questionar os embaixadores que vieram tão pacificamente; **"Mas a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois, pacífica"** (Tg 3:17).

Após uma jornada de três dias, os olhos de Israel se abriram, e o resultado do juramento foi visto como perda. Mas era tarde demais para recuperar o terreno perdido – tarde demais para se livrarem da posição para a qual seu espírito de compromisso os havia levado. As cidades que teriam caído para Israel, eles não puderam conquistar – eles não puderam expulsar os gibeonitas. **"Pelo que toda a congregação murmurava contra os príncipes"**. Quantas bênçãos os crentes perderam por sua aliança com o mal! Quantas vezes eles tiveram que lamentar a presença contínua daquilo que eles provaram ser fraqueza em vez de força – para ser uma ocasião que os levou a se desviar do Senhor, em vez de uma ajuda em Seu caminho. Além disso, séculos depois, Israel colheu frutos amargos dessa aliança: pois Saul, em **"seu zelo pelos filhos de Israel"**, procurou exterminar os gibeonitas – procurou com sua própria mão remover a punição que o descuido e a autossuficiência dos príncipes trouxeram sobre Israel, e Deus ficou descontente, e enviou ano após ano uma fome sobre a terra. **"Deus não Se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará"**.

A Herança Conquistada - Josué 10-12

“Eu não confiarei no meu arco, nem a minha espada me salvará”
(Sl 44:6).

A aliança de Israel com Gibeão resultou em uma guerra severa; mas a graça de Deus venceu, e o resultado foi a vitória mais notável registrada no livro.

Enquanto estavam no arraial em Gilgal, Israel ouviu sobre o propósito dos cinco reis dos amorreus: **“Então, subiu Josué de Gilgal, ele e toda a gente de guerra com ele e todos os valentes e valorosos”**. Então, o Senhor disse: **“Não os temas, porque os tenho dado na tua mão; nenhum deles parará diante de ti”**. Descansando nessa promessa, **“Josué lhes sobreveio de repente”** e, respondendo à sua fé, **“o SENHOR os conturbou diante de Israel”**. Aqui podemos traçar a ordem da obra graciosa de Deus para Seu povo. Ele os conduz ao caminho da obediência, Ele lhes dá promessas encorajadoras – garantias de vitória em seu caminho, Ele os capacita a crer em Sua Palavra fiel diante de todo perigo, e então, coroa tudo com completo sucesso. Bem podemos dizer: **“Tu és o que fizeste em nós todas as nossas obras”**.

No dia memorável da vitória de Israel, em resposta à fé, Jeová retornou o curso dos poderes da natureza para ajudar Seu povo. Ele provou, para encorajamento deles e para a derrota de seus inimigos, Sua autoridade, **“em cima nos céus e embaixo na Terra”**, e o Sol e a Lua, que eles adoravam como Baal e Astarote (Jz 2:13), curvaram-se diante do Altíssimo. **“Porque o SENHOR pelejava por Israel.”**

Uma lição instrutiva deve ser extraída da segunda vitória em Hebrom (Js 10:23, 36). O rei de Hebrom foi um dos cinco reis que foram destruídos, e cujo povo foi espalhado; ainda assim, encontramos registrado uma segunda vez que o rei de Hebrom

foi morto. Na rápida conquista de Israel, eles não tiveram tempo de procurar todos os esconderijos dos fugitivos, que, portanto, retornaram, repovoaram e refortificaram Hebrom, e estabeleceram um novo rei lá (Js 10:20). Portanto, Hebrom teve que ser reconquistada.

Não é suficiente na guerra do Cristão desapossar e dispersar os inimigos; a fortaleza deve ser guarnecida. Inimigos espirituais podem ser derrotados, mas eles não são de forma alguma aniquilados. O inimigo frustrado se retira apenas para sair novamente de seu esconderijo com energia revivida. Não pode, portanto, haver descanso, nem ficar parado; a energia espiritual deve ser incessante; se não, as velhas batalhas terão que ser travadas novamente.

Nesta campanha, nenhum habitante foi deixado; tudo o que respirava foi completamente destruído, como o Senhor Deus de Israel ordenou; vitórias se seguiram em rápida sucessão; **“E de uma vez tomou Josué todos esses reis e as suas terras, porquanto o SENHOR, Deus de Israel, pelejava por Israel”**. A obediência implícita ao Senhor rendeu sua recompensa; e que força acumularia ao soldado Cristão, e que vitórias lhe seriam concedidas, se ele prosseguisse no espírito de Israel nesta campanha, não fazendo acordos com os inimigos de Deus, mas no poder de sua separação para Deus obedecendo à Sua Palavra.

Nesse momento, os governantes da terra, os cinco reis, curvaram-se diante de Israel. Então Josué ordenou aos capitães que foram com ele que se aproximassem, e disse-lhes: **“ponde os vossos pés sobre os pescoços destes reis”**; e o Senhor prometeu em breve esmagar Satanás sob os pés daqueles que são Seus soldados. **“Não temais, nem vos espanteis; esforçai-vos e animai-vos, porque assim fará o SENHOR a todos os vossos inimigos, contra os quais pelejardes”**.

Após a batalha com os cinco reis, Israel retornou ao seu arraial **“em paz”** (Js 10:21). Jeová havia cuidado de cada combatente para

o bem; Ele os havia protegido e fortalecido, e trouxe cada um de volta são e salvo.

Conquistada a região sul, Israel, como era seu costume, retornou ao arraial em Gilgal.

É somente quando estamos no lugar do verdadeiro julgamento próprio espiritual que podemos encontrar o vigor renovado necessário para os novos conflitos que nos aguardam. Em certo sentido, vamos para nosso Gilgal naturalmente após a derrota; mas a necessidade de nos voltarmos para lá após uma vitória é muito grande; caso contrário, nos tornamos soberbos ou confiantes nas vitórias em vez de no Senhor, pois o sucesso geralmente gera autoconfiança e induz à negligência. Bom seria se tivéssemos a sabedoria de sempre lembrar que a carne está morta, e há graça para mortificar nossos membros, e assim estar preparados para lutar a luta da fé.

As vitórias conquistadas pelo povo de Israel logo foram seguidas por mais conflitos, pois os reis do norte se uniram para atacá-los. Jeová deu novas forças para a subjugação desses novos inimigos. **“Não temas diante deles”**. Então eles os atacaram **“apressadamente”**, pois a demora no caminho da obediência causa fraqueza. O Senhor ordenou que Josué destruísse os carros e cavalos em que os inimigos de Israel confiavam, e Josué obedeceu exatamente. E se o Senhor não queria que Seu povo se apoiasse em nenhum outro braço que não o Seu, também não permitiria que fizessem da sede do governo de seus inimigos, um centro para si mesmos; conseqüentemente, Hazor, a cidade principal desses reinos, foi queimada. No entanto, na Cristandade, essas lições são esquecidas, e é difícil para os Cristãos individualmente aceitarem essas instruções. Poucos são os que praticamente reconhecem que as armas de nossa guerra não são carnis, e que por meio de Deus são poderosas para derrubar fortalezas; e menos ainda são aqueles que recusam a influência e a força que os poderes do mundo oferecem ao Cristianismo, e que não reconhecem outra cabeça senão o Senhor ressuscitado.

Não pode haver paz entre o bem e o mal, ou afinidade entre luz e trevas. À medida que o registro da guerra de Israel se encerra, por um lado é dito: **“Não houve cidade que fizesse paz com os filhos de Israel, senão os heveus, moradores de Gibeão”**, e, por outro, **“Por muitos dias, Josué fez guerra contra todos esses reis”**.

“Qual o homem, tal a sua força”! **“Naquele tempo, veio Josué”**, e os gigantes das montanhas – os homens altos, que espalharam terror em Israel e Escol foram extirpados. Eles foram o primeiro terror para Israel, e foram os últimos a cair. Quando Israel os viu pela primeira vez, eles mediram homem por homem, e eram, em sua própria visão e na visão dos gigantes, como gafanhotos, mas agora eles tinham aprendido, pela experiência de muitas vitórias, a dependência de Jeová – aprenderam a comparar a força do gigante com a do Todo-Poderoso. Que crescimento na força de Deus a exterminação daqueles anaquins expressa, mas quantos, quantos anos se passaram, que disciplina, que bênçãos foram aprendidas antes que esse resultado fosse alcançado! E agora, os gigantes sendo eliminados, lemos sobre o repouso.

“Assim, Josué tomou toda esta terra conforme tudo o que o SENHOR tinha dito a Moisés; e Josué a deu em herança aos filhos de Israel, conforme as suas divisões, conforme as suas tribos; e a terra repousou da guerra”.

O caráter do descanso é, no entanto, diferente daquele de Josué 21. Aqui é o descanso consequente à subjugação da terra, **“conforme tudo o que o SENHOR tinha dito a Moisés”**; ali o descanso é aquilo que o Senhor jurou dar a eles como havia prometido a seus pais. O descanso aqui é tal como Israel poderia desfrutar, sendo liberto do poder de seus inimigos, mas não implica uma cessação da guerra.

Assim, embora as vitórias sobre os governantes e governos que tinham sido vencidos sejam enumeradas (Js 12), ainda assim havia remanescentes dessas nações vencidas entre eles que tinham que ser erradicados. Deus tinha deixado esses inimigos propositalmente entre eles; eles eram testes da fidelidade dos

filhos de Israel, aos quais foi dito quando eles tinham vencido seus inimigos, para detestar completamente, e abominar completamente as coisas amaldiçoadas das nações (Dt 7:22-26).

Assim é com o Cristão. O Senhor Jesus quebrou os poderes do mal. Ele conquistou Satanás, e é para o Seu povo abominar completamente e contender com os inimigos que Ele conquistou, enquanto descansa na completude da Sua vitória.

“Não conquistaram a terra pela sua espada, nem o seu braço os salvou, e sim a Tua destra, e o Teu braço, e a luz da Tua face, porquanto Te agradaste deles” (Sl 44:3).

Possessões - Josué 13-14:5

“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo” (Ef 1:3).

A segunda parte do Livro de Josué (Js 13) começa com Jeová dizendo: **“ainda muitíssima terra ficou para possuir”**. Ao norte e ao sul, em direção ao nascer do Sol e em direção à terra dos sidônios, o Senhor viu possessões que Ele havia dado a Israel, ainda não pisadas. O Senhor não estava satisfeito que Seu povo perdesse o gozo de suas bênçãos, portanto, Ele prometeu-lhes Seu apoio novamente e declarou, mesmo diante da frouxidão deles, **“Eu lançarei fora”** o inimigo. Este **“Eu lançarei”** foi enfático e deveria ter despertado Israel. Além desta promessa, o Senhor ordenou a Josué **“reparte, pois, a terra (toda a terra não possuída) por herança a Israel, como te ordenei”**. Assim, toda a terra foi reassegurada a eles. Mas a energia de Israel estava diminuindo. Eles estavam se estabelecendo na porção de Canaã que seu zelo e resistência haviam feito sua.

O fracasso das duas tribos e meia em expulsar o restante dos gigantes de sua herança do outro lado do Jordão é notado neste momento. Assim, todo o Israel é visto tomado pela preguiça, que se mostrou mais difícil de superar do que os inimigos que eles haviam subjugado. A preguiça deve ser o temor constante do Cristão. **“Desperta, ó tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá [brilhará sobre ti – JND]” (Ef 5:14).**

Se Israel tivesse visto o comprimento e a largura de suas possessões como Deus as viu, será que eles teriam sido negligentes em possuí-las? Mas seus olhos estavam fixos nas possessões que haviam conquistado, e eles estavam cegos para o que Deus tinha reservado para eles.

Com que seriedade Paulo ansiava que os crentes pudessem ter seus corações unidos **“para todas as riquezas da plena certeza do entendimento, para o completo conhecimento do mistério de Deus, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”** (Cl 2:2-3 – JND). No entanto, por mais indizível que seja a glória da herança, o que é mais difícil do que despertar a alma para entrar nas bênçãos **“ainda... para possuir”**? A ideia de se acomodar para desfrutar do que podemos ter alcançado é ilusória; pois não existe tal coisa como permanecer parado nas coisas divinas. Israel descobriu seu erro pela perda do que havia conquistado.

“Quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”. Tal espírito deve ser nosso padrão: **“Pelo que todos quantos já somos perfeitos (em idade madura – adulto), sintamos isto mesmo [tenhamos esse pensamento – JND]”** (Fp 3:13-15).

Sinceridade - Josué 14:6-15

“Com firmeza [propósito – JND] de coração, permanecessem no Senhor” (At 11:23).

O Senhor certamente Se agrada mais em registrar a energia de Seu povo do que sua frouxidão, seus triunfos do que suas derrotas. A sinceridade de Calebe forma um brilhante contraste com o espírito que permeia o acampamento em geral, e não é sem propósito divino que sua história é introduzida antes que as terras e possessões de Israel sejam detalhadas, sejam elas desfrutadas ou meramente repartidas.

A história de Calebe é um exemplo de propósito nobre, um punhado do melhor trigo; seu espírito era segundo o coração de Deus.

Calebe havia sido provado no dia do declínio. Ele havia permanecido firme com Josué quando todo o Israel praticamente abandonou o Senhor. Quando os espias que o acompanharam para espiar a terra prometida trouxeram de volta seu trágico relatório, lamentaram a presença dos gigantes e fizeram todo o Israel desmaiar. Calebe, pensando apenas na excelência da herança e no deleite de Deus em Seu povo que Ele havia tirado da terra da servidão, da abundância de seu coração disse: **“Subamos animosamente e possuamo-la em herança; porque, certamente, prevaleceremos contra ela”**. Seu coração, estando cheio da bondade e fidelidade de Deus, estava guarnecido contra a incredulidade e as murmurações. O segredo do Senhor está com aqueles que O temem, e Calebe com Josué **“perseverou em seguir ao SENHOR”**, e diante de seu desânimo e incredulidade – maiores inimigos do que todos os filhos de Anaque – declarou fervorosamente a Israel: **“O Senhor é conosco”**. Calebe, portanto, ocupou um lugar separado entre seus irmãos, que subiram com ele para espiar a terra (Veja Nm 13-14:10.)

Como é frequentemente o modo de Deus tratar com Seu povo, após a promessa ser dada, veio a provação. As tristezas do deserto intervieram; sua disciplina, sua correção. Calebe teve que vagar com o Israel rebelde, suportar as murmurações junto com eles; ele viu os homens de guerra caírem, um por um, e morrerem – ele viu o Senhor desonrado por Seu povo – ele se lamentou a negligência deles em relação à circuncisão e à celebração da festa da Páscoa – ele lamentou pelos ídolos que eles carregavam consigo; mas a promessa o manteve – seus olhos estavam nela – ela brilhou além do deserto sombrio – ela iluminou seu caminho – ela emoldurou sua vida; sua alma foi levantada do deserto, tendo encontrado seu tesouro na terra prometida.

Ele havia pisado naquela terra uma vez, e pela fé a tornou sua. Ele sabia que era uma terra extremamente boa, e que o Deus da graça, que havia dado tal terra ao Seu povo, em Quem Ele Se deleitava, Ele os levaria para lá. Ele não havia perdido o sabor das primeiras uvas maduras, nem esquecido o Vale de Escol.

O fogo do seu amor que foi aceso naquele primeiro dia ainda queimava dentro dele.

Sua sinceridade não foi de forma alguma prejudicada pela espera do cumprimento da promessa, pelas aflições, pelas perspectivas aparentemente frustradas.

Nem sua força foi prejudicada, pois aos oitenta e cinco anos de idade, esse nobre soldado era tão forte para a guerra, tanto para sair quanto para entrar, quanto era quarenta e cinco anos antes. Olhando para trás, para seu caminho acidentado no deserto, ele disse: **“o SENHOR me conservou em vida, como disse; quarenta e cinco anos há agora, desde que o SENHOR falou esta palavra a Moisés”**.

Ele confiou em Deus tanto por si mesmo quanto por seus filhos, e nenhuma palavra do Senhor caiu por terra! Companheiro crente, que nosso coração seja verdadeiro e forte como o de Calebe! Não permita que as murmurações, ou a inquietude de nossos

companheiros, afastem nossa alma da graça de Deus. Devemos passar por disciplina, não apenas por nós mesmos – para testar nosso próprio coração – mas também em companhia da família de Deus em geral. Se andarmos por algum tempo no deserto, veremos **“homens de guerra”** cair ao nosso lado. Alguns sairão das fileiras, alguns voltarão para o mundo, alguns agirão em comum com o adversário; mas que nenhuma dessas profundas aflições afaste nosso coração de nosso Deus. O Senhor é nossa força, Seus confortos nunca falham; se permanecermos em Sua presença, Ele estará conosco o tempo todo.

Calebe, olhando para o passado no poder do presente, era um sinal seguro de que seu coração não o condenava, e que ele habitava na força de Deus. Não foi duvidando que ele disse: **“porventura, o SENHOR será comigo, para os expelir, como o Senhor disse”**; mas na percepção da necessidade da força e presença do Senhor para capacitá-lo a obedecer a Sua Palavra. A promessa graciosa, **“o SENHOR, teu Deus, é contigo, por onde quer que andares”**, era a energia de Sua força. O deleite do Senhor em Seu povo com o qual ele havia procurado encorajar Israel em Escol, era sua coragem diante dos gigantes e de suas grandes e fortificadas cidades.

Às vezes, o soldado Cristão, depois de estar muito tempo a serviço de Deus, quase se esquece de que somente Deus é sua força, e **“porventura, o SENHOR será comigo”**, é trocado por uma vangloriosa confiança própria: **“Sairei ainda esta vez como dantes e me livrarei”** (Jz 16:20).

O Senhor honrou a dependência de Calebe n'Ele; ele tomou Hebrom e **“expeliu Calebe dali os três filhos de Anaque”** (Js 15:14).

Em Calebe temos uma amostra das melhores qualidades do soldado Cristão: um coração inteiro, força inabalável e dependência contínua.

“E Josué o abençoou”. Sem dúvida sua alma foi tocada pelas palavras de Calebe.

Com uma nota de louvor, esta história se encerra. **“E a terra repousou da guerra”**. A fidelidade ganha descanso. **“Bem está, servo bom e fiel... entra no gozo do teu Senhor”**. Calebe teve sua porção na grande herança de Judá (que significa “louvor”)!

Herdando - Josué 15-17

“Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado”
(Js 1:3).

“E, havendo feito tudo, ficar firmes” (Ef 6:13).

O Senhor agora retorna à herança da terra prometida. As porções das tribos de Judá e José são estabelecidas primeiro. A porção de Judá provou ser **“demasiadamente grande para eles”**, isto é, seus limites eram maiores do que eles poderiam preencher, e no final a tribo de Simeão habitou dentro da porção designada a eles.

À medida que as porções dessas tribos são estabelecidas, a negligência ou fraqueza dos herdeiros é comentada. **“Não puderam, porém, os filhos de Judá expelir os jebuseus que habitavam em Jerusalém; assim, habitaram os jebuseus com os filhos de Judá em Jerusalém até ao dia de hoje”**. A fortaleza de Sião, onde esses homens estavam alojados, não foi subjugada até os dias de Davi (2 Sm 5:6-10), e mesmo assim seus defensores provocaram Davi para expulsá-los.

“Os cananeus habitaram no meio dos efraimitas até ao dia de hoje; porém serviam-nos, sendo-lhes tributários”. Se os efraimitas puderam colocá-los sob tributo, eles poderiam tê-los destruído completamente, mas eles **“não expulsaram os cananeus”**. Eles, em vez disso, tiravam proveito deles, usando-os para sua própria vantagem. Infelizmente, não é assim que frequentemente acontece com os Cristãos com aquilo que eles deveriam considerar como seus inimigos espirituais?

“Os filhos de Manassés não puderam expelir os habitantes daquelas cidades, porquanto os cananeus queriam habitar na mesma terra”. Estas palavras **“não puderam”** são terríveis: é a força morta da incredulidade, aquela desconfiança no Deus vivo, que tem sido a ruína espiritual de milhares. **“Não puderam”** foi

simplesmente morosidade. O inimigo pelo menos estava falando sério; firmou seu pé no solo nativo, e ali, exceto ao custo de sua vida, ele iria **“habitar”**. Se o povo de Deus se estabelecer contente com quaisquer vantagens que possam ter obtido, eles descobrirão que Satanás e o mundo, longe de serem conquistados, estão determinados a manter seu terreno. Que o Cristão inerte e desconfiado considere o fim inevitável do seu **“não puderam”**.

“E sucedeu que, engrossando em forças os filhos de Israel, fizeram tributários aos cananeus, porém não os expeliram de todo”. Isso era diretamente oposto à Palavra de Deus – **“nenhuma coisa que tem fôlego deixarás com vida. Antes, destrui-las-ás totalmente... para que vos não ensinem a fazer conforme todas as suas abominações... e pequeis contra o SENHOR, vosso Deus”** (Dt 20:16-18).

Não sejamos enganados; inimigos espirituais colocados sob tributo logo afirmarão seu direito de governar. Israel aprendeu todas as abominações dos cananeus, e teve que servir aos cananeus como punição por seus pecados. E aqueles princípios tão contrários a Cristo, **“os rudimentos do mundo”** – **“os mandamentos de homens”** e as **“tradições dos homens”** – o **“culto dos anjos”**, carnes, bebidas e dias santos, com **“filosofias e vã sutilezas”**, contra os quais o Espírito Santo, por meio de Paulo, advertiu os Cristãos de Colossos, tendo sido introduzidos na Cristandade, e não tendo sido **“completamente”** recusados pelos Cristãos, agora governam muitos, que, enganados por sua recompensa, e sujeitos a ordenanças, estão em escravidão.

Embora os filhos de Efraim tenham falhado tão notavelmente em fazer completamente seu o que Deus lhes havia dado, eles ainda assim murmuraram porque sua porção designada não era grande o suficiente. Seus números, **“sendo eu um tão grande povo”**, e sua história passada, **“o SENHOR até aqui me tem abençoado”**, os intitulavam a um lugar maior do que o que lhes coube! Quão parecido com o coração do homem, sempre pronto a encontrar

falhas – exceto em si mesmo! Murmura sobre suas circunstâncias, enquanto falha em discernir a extensão de seus privilégios! Muitos Cristãos murmuram assim, olhando para sua própria importância e a dignidade de sua história passada. Aquele que não está satisfeito com o que Deus designou para ele, perde as próprias oportunidades nas quais ele é mais apto para servir a Deus. Mas a verdade era que a porção de José era totalmente igual à das outras tribos quando comparada proporcionalmente, e sua região também era peculiarmente frutífera.

Josué repreendeu fortemente a autossuficiência deles. **“Se tão grande povo és, sobe ao bosque e corta para ti ali lugar na terra dos ferezeus e dos refains, pois que as montanhas de Efraim te são tão estreitas”**. Com a sabedoria de Deus, ele os lançou sobre si mesmos, para envergonhá-los e fazê-los agir. Se sua grandeza fosse tão vasta, eles não precisariam ter falado sobre isso. Quando o Cristão fala de ser grande, ele exhibe sua pequenez. Se ele anuncia suas virtudes – como é feito frequentemente – ele apenas declara seu orgulho. A grandeza da tribo de José seria vista por seus feitos, ao derrubar a região do bosque e exterminar os gigantes, mas eles se mostraram homens de palavras em vez de feitos e verdade, e confiando em sua grandeza passada em vez de em Deus, eles desmoronaram sob o teste ao qual Josué os colocou. **“As montanhas nos não bastariam; também carros ferrados há entre todos os cananeus que habitam na terra do vale”**.

Josué novamente os confrontou com suas primeiras palavras, **“Grande povo és e grande força tens”**; e disse-lhes que se eles tornassem sua possessão completamente deles, ela seria ampla para eles, **“uma só sorte (ou porção) não terás”**. Finalmente, ele os encarregou de derrubar a região do bosque, de tomar posse das montanhas, e de expulsar os fortes cananeus com seus carros de ferro. Grandes e fortes como eram, eles certamente estavam preparados para a resistência e coragem.

“Corta para ti”. Precisamos de uma palavra assim. Há muitos olhando para o homem e poucos olhando para o Senhor. Se vitórias foram concedidas ao Cristão anteriormente, se por ele o Senhor venceu os poderes do mal, salvando almas e tirando-as do reino das trevas, ou livrando Seu povo das armadilhas de Satanás, ainda assim, o passado não é poder. Se o crente está olhando para o passado – **“o SENHOR até aqui me tem abençoado”** ele está olhando para a bênção e não para o Senhor. Ele deve, mesmo hoje, na força de Deus, aprender novamente a palavra, **“Corta para ti”**. A principal lição que devemos extrair das vitórias passadas é que o Senhor é poderoso para salvar. A experiência da bondade passada do Senhor deve simplesmente manter nossa alma n'Ele para o poder presente, e nos conduzir na energia de Sua força.

Homens – homens Cristãos – podem dar um lugar ao crente, mas o Capitão do exército nos ensinaria que o poder que Ele dá é o único título real para a honra Cristã. O apóstolo Paulo não entraria **“em campos de outrem... que já estava preparado”** por eles; ele não se gloriaria **“nos trabalhos alheios”** (2 Co 10:12-18); ele era muito simples para fazer isso, e um Cristão nobre sempre buscaria agir no espírito destas palavras: **“Corta para ti”**.

O Senhor deu a todo o Seu povo algum serviço especial de amor e obra de fé; nunca deixe ninguém dizer: *“Meus limites são estreitos demais para mim”*, mas procure fazer com que toda a **“sua porção”** seja sua de forma prática. O Senhor nos designou para vencer no poder de Sua graça; e se formos simples de coração, descobriremos que vitórias devem ser obtidas em nossas circunstâncias presentes, e que a ordenação providencial de nossa porção é rica e frutífera. **“Corta para ti”**.

Adoração - Josué 18:1

“Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24).

Depois que essas tribos receberam sua porção, todo o Israel se reuniu em Siló. E **“a terra foi sujeita diante deles”**. Siló significa descanso ou paz, ali eles **“armaram a tenda [o tabernáculo – KJV] da congregação”**. Siló é doravante o centro de Israel. O tabernáculo era de Deus, e Israel, sendo o povo de Deus, era **“o tabernáculo da congregação”** (KJV).

Até que o crente tenha paz divinamente dada, ele não pode adorar em espírito e em verdade. Se a consciência da carga do pecado curva uma alma, não há capacidade de cantar o cântico de louvor **“Àquele que nos ama, e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados”**. E embora o crente possa ter certeza de sua aceitação no Amado, e conhecer o perdão dos pecados, ainda assim, se sua consciência o acusar por transgressão não confessada, até que seja restaurado à comunhão com Deus, ele não pode adorá-Lo. É quando em descanso na obra consumada de Cristo na cruz, e em descanso em Sua santa presença, que o crente, em espírito e verdade, adora o Pai.

Jeová havia dado a Israel vitória e possessões, **“a terra foi sujeita diante deles”**. Se eles não tivessem conquistado seus inimigos e recebido sua herança, eles teriam exigido a promessa de vitória de Jeová em vez de estarem em liberdade para se reunirem ao redor de Seu tabernáculo. Se estamos pedindo a Deus para nos abençoar, não estamos adorando-O naquele momento, pois orar é buscar benefícios de Deus; nem ouvir sobre Sua graça é adorá-Lo, pois isso é aprender sobre Sua bondade; no entanto, tanto a oração quanto a pregação podem e devem levar a alma à adoração. O coração do adorador é um vaso cheio por Deus e transbordando de ações de graças; um coração que, sem falta de

nada, se deleita n'Aquele que o enriqueceu. Adoração é bendizer o próprio Doador dos dons, e não apenas pelos dons que Ele concede.

Em Siló havia um altar e um tabernáculo; este era o centro de Israel, e ao redor deste centro divinamente designado, o círculo das doze tribos foi desenhado. A largura do círculo seria de acordo com a multidão dos filhos de Israel, o centro nunca poderia variar. Para lá se voltaria cada coração fiel da vasta congregação, assim como cada bússola aponta para o único ponto de atração comum. Cristo é o centro de Deus para Seu povo, e ao redor d'Ele está o círculo de Seus redimidos. **“A Ele se congregarão os povos”** (Gn 49:10). Somente Cristo é o Objeto da adoração de cada coração. Deus não deu nenhum outro ponto de atração para Seu povo. Cristo será o centro na glória, e mesmo agora sobre a Terra, apesar de todas as divisões de língua e raça, sim, e de credos e doutrinas, somente Jesus é o centro para Seu povo.

O tabernáculo de Israel era a herança comum da nação. O chefe dos pais e o mais humilde do povo adoravam ali como um só povo, pois eles eram o único povo de Jeová, e Ele habitava entre eles. Era como um corpo, portanto, e não simplesmente *como indivíduos*, que Israel adorava em Siló, toda a congregação do Senhor olhando para o tabernáculo do Senhor.

Não poderia haver associação divinamente reconhecida da tribo exceto onde a glória de Deus estivesse – em Siló. A verdadeira associação do povo de Deus sempre tem a presença de Deus nela; é comunhão de coração e propósito na luz de Deus. **“Se andarmos na luz, como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros”** (1 Jo 1:7). Cristo é o único centro de verdadeira comunhão, e não pode haver verdadeira comunhão entre aqueles que estão unidos a Ele e uns aos outros, a menos que isso seja reconhecido na prática. Os Cristãos são agora o círculo de Deus sobre a Terra do qual Cristo é o centro. Deus fez deles, embora muitos, um corpo por Seu Espírito que habita neles, e esta

unidade nenhum poder pode perturbar; mas, apesar da perfeição da unidade do Corpo, a menos que Cristo seja o primeiro no coração dos de Seu povo, a unidade não será manifesta.

Nos dias de frescor e simplicidade de Israel, como lemos no vigésimo primeiro capítulo do Livro de Josué, eles encaravam com sentimentos de aversão a construção de outro altar, considerando-o nada menos que uma rebelião contra o único Deus e Sua única congregação. Com o passar do tempo, o povo em geral se afastou do Senhor, e a união de suas tribos foi quebrada; então, a vontade própria e a independência levantaram outros altares (1 Rs 12:27-33), e por fim Israel se tornou os **“filhos do cativoiro”**; ainda assim, o coração verdadeiro, fiel ao único Deus e à única congregação, voltou-se da terra do estrangeiro para o lugar onde a glória de Jeová estava, e se uniu em espírito às *doze* tribos de Israel (1 Rs 18:31; Dn 6:10).

Quão bem-vinda é a cena aqui descrita. O povo de Deus prosperou com vitória sobre todos os seus inimigos, cercado com uma herança maior do que todas as suas necessidades, reunidos em um só corpo e, na excelência da paz de Deus, adorando-O como um só espírito.

Ela prediz um dia mais brilhante de reunião das tribos dispersas de Israel ao Cristo que elas agora rejeitam. E tem seu encorajamento para o crente Cristão. Encontramos, em João 17, a união do povo de Deus que nada pode separar (Jo 17:11), e sua união manifestada na Terra como um testemunho para o mundo (Jo 17:21), e sua união que será manifestada na glória (Jo 17:23), naquele dia vindouro de paz e descanso, a única companhia indivisa do povo de Deus contemplará a glória do Senhor Jesus, que o Pai Lhe deu. Então todos os corações estarão unidos eternamente, então todos estarão fixos sem distração em Cristo, então todos **“olho a olho verão”**. Até que esse dia amanheça, embora o testemunho da unidade do povo de Cristo não seja *manifestado* na Terra, que seja o cuidado ansioso de cada crente

se *esforçar* para “**preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz**” (ARA).

A Herança Repartida - Josué 18-19

“Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor” (Os 6:3).

“A terra foi sujeita diante deles”, tudo, portanto, que Israel tinha que fazer era habitar nela, mas como o homem preguiçoso que não assa o que pegou na caça (Provérbios 12:27), eles não tinham o vigor para fazer completamente seu o que haviam conquistado. Nessa condição, **“disse Josué aos filhos de Israel: Até quando sereis negligentes para passardes para possuir a terra que o SENHOR, Deus de vossos pais, vos deu?”** Avisos quanto às consequências de sua negligência foram enviados posteriormente, mas nunca mais tal exortação.

Embora estivessem no gozo da paz, ainda assim ignoravam grandes porções da terra prometida de Deus que aguardavam distribuição entre eles, pois quando Josué ordenou aos homens: **“corram a terra, e a descrevam”**, apenas duas tribos e meia tinham sua herança dentro da terra de Canaã, e sete tribos permaneceram sem qualquer possessão. **“Foram, pois, aqueles homens, e passaram pela terra, e a descreveram, segundo as cidades, em sete partes, num livro, e voltaram a Josué, ao arraial em Siló”**.

Israel agora sabia exatamente o que lhes pertencia, pois a terra não possuída estava minuciosamente delimitada, e as cidades assim descritas estavam divididas entre as tribos em Siló; mas uma coisa é conhecer nossa porção, outra é habitar nela; e mesmo nos dias mais prósperos de Israel – o tempo de Salomão – a terra não estava totalmente ocupada.

Se somos **“negligentes para passarmos para possuir”** nossa herança espiritual, é porque somos ignorantes do que ela é, ou estamos satisfeitos com coisas sobre nós. À medida que a herança se desdobra diante do crente, sua mente se ocupa com ela; buscando as coisas que são de cima, ele cresce em um

conhecimento mais profundo delas, e um gozo mais rico nelas. Um coração satisfeito com as coisas ao redor é a grande obstrução ao progresso espiritual, mas ao prosseguir, nosso coração se torna alargado, ao seguir o Senhor nós O conhecemos. É impossível **“passarmos para possuir”** com um coração dividido. **“Ninguém que milita se embarça com negócio desta vida, a fim de agradar Àquele que o alistou para a guerra”** (2 Tm 2:4).

Energia silenciosa, porém persistente, da alma é aquilo a que o Cristão deve se dedicar. Cada dia que Israel permitiu que o inimigo continuasse em suas fortalezas, ou retornasse de seus esconderijos e se restabelecesse na terra, era um dia perdido; e cada dia desses tornava mais difícil o **“passar para possuir”** que estava sobre eles. E enquanto cada passo na verdadeira devoção a Deus é um ganho positivo real, cada dia gasto em ociosidade espiritual é uma nova dificuldade a ser superada. Há uma profunda necessidade de cultivar uma seriedade habitual, um crescimento daquele espírito que se volta para as coisas celestiais sem esforço. Vemos aqueles que sentimos ser devotados a Deus, a quem reconhecemos como Seus valentes, vivendo na atmosfera de Sua presença e agindo no vigor de Seu Espírito. Mas eles não atingiram sua força espiritual em um momento. Os jovens que venceram o maligno não eram outrora **“filhinhos (crianças – JND)”**? (1 Jo 2). Eles aprenderam a suportar **“as aflições, como bom soldado de Jesus Cristo”**, sem treinamento? Paulo nos diz que ele subjugou seu corpo e o reduziu à servidão (1 Co 9:26-27), e podemos ver nele uma força espiritual ainda maior no final de sua carreira do que no início.

Será que, pela graça do Espírito de Deus, em alguma medida, temos vencido a propensão que há em nós de nos ocuparmos com as coisas que nos cercam, aquela ociosidade da alma que é **“negligente a passarmos para possuir”**? Infelizmente quantos Cristãos, mesmo sabendo que há coisas grandes e gloriosas descritas nos conselhos de Deus, se contentam com a irrealidade da alma, ficam satisfeitos em passar grande parte de sua vida sem viver verdadeiramente no poder das bênçãos com as quais são

abençoados nos lugares celestiais em Cristo. Quão difícil é dominar o espírito de modo a incansavelmente **“passarmos para possuir”**. A inércia de nossa natureza, sua total incapacidade nas coisas divinas, sua contrariedade de gostos e desejos, seu ódio positivo a elas, além do mundo exterior que continuamente despeja suas atrações nos portões de nossos sentidos, são usados pelo adversário para atrofiar nosso crescimento, **“na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”**, e tudo isso conduz à nossa **“preguiça”**. Assim como um soldado pode revigorar seus companheiros, o Cristão pode ajudar seus irmãos; e somos instruídos a exortar uns aos outros diariamente, e tanto mais quanto vemos o dia se aproximando. Que ninguém se contente com a garantia de que **“tudo é vosso”**, mas se levante na energia do Espírito de Deus para habitar agora no poder dela. **“Até quando sereis negligentes para passardes para possuir a terra que o SENHOR, Deus de vossos pais, vos deu?”**

Há uma grande diferença entre possuir e conhecer. Uma coisa era Israel ouvir a respeito das cidades de sua herança lidas em Siló; outra coisa era habitar nelas. Possuir é habitar no poder do que conhecemos. É praticamente expulsar o inimigo. O propósito de possuir deve levar ao conflito. Vemos isso no exemplo do apóstolo Paulo, um homem determinado a não saber nada entre os homens, exceto Cristo e Ele crucificado; foi assim que ele enfrentou o inimigo que estava levando cativos os Cristãos da Galácia. Novamente o vemos face a face com o inimigo em Colossos; ouvimos falar dele solitário na Ásia por amor a Cristo, mas nada é permitido que o movesse. Possuir é algo essencialmente prático e envolve necessariamente diligência de coração. Em um sentido, nos assemelhamos a Israel, que teve uma extensão maior de território dada a eles do que eles possuíram e, de fato, quanto mais plenamente percebemos nossa porção celestial, mais sentimos quão pouco, de uma maneira prática, nos apropriamos dela.

Falamos de Israel possuindo sua terra que mana leite e mel, mas essa terra dá uma ideia fraca dos lugares celestiais e da

abundância espiritual. Os inimigos cananeus se assemelham aos inimigos espirituais dos Cristãos apenas em medida. Sinais e símbolos são insuficientes para transmitir a realidade das coisas espirituais à mente; a linguagem falha em expressar os profundos sentimentos do coração: é somente o Espírito que perscruta as coisas profundas de Deus, e somente esse Espírito que as revela a nós (1 Co 2:10).

Tendo a terra sido entregue a Israel e dividida a cada tribo de acordo com a ordem que o Senhor achou por bem, **“deram os filhos de Israel a Josué, filho de Num, herança no meio deles”**, e assim terminou a repartição da herança.

O Refúgio do Pecador - Josué 20

“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro Nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4:12).

Tendo a herança sido distribuída entre as tribos, era necessário, para preservar a santidade da terra, que um refúgio fosse providenciado contra as mãos do vingador.

A cidade de refúgio foi ordenada por Deus para a segurança daquele que, sem querer, matasse seu próximo e, uma vez dentro de suas portas, o homicida era preservado da vingança pelas mesmas leis que exigiam seu sangue enquanto ele estivesse fora da cidade. As portas da cidade estavam sempre abertas, pois o objetivo de prover a cidade era **“para que todo homicida se acolha ali”** (Dt 19:3). A terra ao redor era disposta de tal forma que as estradas principais corriam em direção às suas portas, e, como a cidade era construída em um local elevado, não poderia haver dificuldade em encontrar o caminho; era tão simples, que os viajantes, embora simplices, não podiam errar quanto a ele.

A necessidade levava o homicida às portas abertas da cidade, ele sabia que o vingador do sangue estava em seu encalço, então ele fugiu para salvar a vida, deixando família e lar. **“Tudo quanto o homem tem dará pela sua vida”**. E quando o pecador percebe o julgamento vindouro, ele não ousa ficar parado. Se algum homem acreditar que sua segurança eterna está em jogo, tudo o que é mais agradável na Terra falha em apaziguá-lo, tudo o que é mais caro não consegue detê-lo. A indiferença estaria fora de questão para o homicida que sabia que o vingador do sangue o procurava, mas o seu fim estaria próximo se ele se abrigasse sob uma falsa segurança, confiando que não seria descoberto. Como as portas da cidade estavam abertas dia e noite, e como a cidade foi expressamente provida por Deus para o homicida, o sangue

daquele que brincou com a sua segurança e pereceu pelas mãos do vingador, estava sobre sua própria cabeça. É a falsa paz que arruína tantos que, se embalando em uma segurança equivocada, brincam com a justiça de Deus e adiam, para **“quando tiver ocasião favorável”**, aquela jornada que aquele homem que acredita em sua condenação e no decreto irrevogável de Deus, não ousa adiar por um momento. E assim eles perecem, apesar das portas da misericórdia estarem escancaradas para recebê-los; e esses perecem justamente, pois rejeitam voluntariamente a provisão que o próprio Deus fez para eles.

Longa e penosa pode ter sido a jornada do homicida até a cidade provida para sua necessidade; ele pode ter tido que arrastar um corpo fraco pela cansativa estrada do monte; sua força pode ter falhado, ele pode ter caído no caminho, o vingador pode ter sido mais forte e mais rápido do que ele, mas Jesus é mais para o pecador do que o Refúgio do julgamento; Ele é a Vida, e para aqueles que estão n'Ele não há morte. Esforçar-se para se preparar para a misericórdia é supor um estágio intermediário para a segurança eterna e ignorar o Senhor Jesus como a Salvação de Deus. Nesta hora presente, todo homem ou tem o Filho de Deus e a vida, ou tem a ira de Deus que permanece sobre ele. O homicida sabia que o caminho para a cidade de refúgio foi feito pela designação de Deus e, com a vingança em seu encalço, apressou-se para ela, usando toda a sua energia para escapar. Estamos **“fracos”**, mas aquele que confia em Cristo está seguro imediatamente. Bem, é para aqueles que sentem sua total impotência, bem como seu perigo eterno, que o Senhor Jesus é realmente precioso.

Fora de Cristo, Deus não tem misericórdia para o homem. Seria impossível para Ele, tendo dado Seu Filho, dar vida eterna a qualquer um, exceto por Ele. É uma reprovação ao amor e à justiça de Deus pensar em segurança, por qualquer outro meio que não seja por **“Àquele que não conheceu pecado”** e que foi feito **“pecado por nós; para que, n'Ele, fôssemos feitos justiça de Deus”**. E mais do que isso, a morte de Cristo selou a condição do

homem; **“se um morreu por todos, logo, todos morreram”**. A cruz declarou o fim do homem na carne aos olhos de Deus, pois Cristo, o Santo, tomando o lugar do homem, foi abandonado por Deus. O Senhor Jesus tornou-Se responsável pelo homem e morreu para o pecado. E agora aqueles que se submetem à justiça de Deus, como visto na cruz de Cristo, confiam em Cristo que morreu e ressuscitou. A justiça não poderia ser colocada de lado no caso do homicida para fins de misericórdia, pois as leis de Deus seriam quebradas, Seu governo seria anulado. **“Quebrantando [menosprezando – JND] alguém a lei de Moisés, morre sem misericórdia”**. Em vão é o pensamento para o pecador de um perdão no dia do julgamento; será que a majestade eterna de Deus poderá ser levianamente menosprezada? Deus declarou que, exceto por Cristo, não há perdão, nenhuma salvação para o homem, e terrível será sua condenação, eterno será o castigo do qual serão considerados dignos, os que presumem alcançar libertação, exceto pelo sangue de Cristo.

Deus separou a cidade de refúgio para o homicida, portanto, sobre os princípios de Seu governo, aquele que entrasse nela estaria seguro. Cristo satisfaz abundantemente as reivindicações da justiça de Deus sobre o pecador, de modo que agora a condenação do homem está em rejeitar a Cristo. Deus é ricamente glorificado no sangue de Seu próprio Filho amado, sobre a terrível questão da culpa humana, que, portanto, agora não é mais um obstáculo à misericórdia. Mas, infelizmente, o obstáculo está na dureza do coração humano, que não vem a Cristo para receber vida. Terrível contemplação! Cristo, o Filho de Deus, morreu pelos pecadores e ressuscitou, e Deus oferece a vida eterna, e os homens, embora concordando com esta graça indizível, vivem em seu estado de morte, sem Deus, sem Cristo – e a ira de Deus permanece sobre eles.

A segurança do homicida dentro dos muros da cidade de refúgio dá apenas uma ideia tênue e imperfeita da segurança do crente em Cristo. Ele poderia ter vagado fora dos muros da cidade e sido exposto à destruição imediata. Quando o Sumo Sacerdote

morresse, ele deixaria a cidade levita e retornaria para sua própria casa, onde foi exposto ao perigo de cometer uma nova ofensa; mas não há retorno de estar em Cristo. O crente em Cristo é mais do que protegido da vingança, ele é justificado de todas as coisas. Cristo carregou nossos pecados em Seu próprio corpo na cruz, Ele suportou a ira de Deus contra o pecado quando Ele foi pendurado lá; e agora Deus O ressuscitou dos mortos e O exaltou à Sua própria mão direita nos céus. A justiça não pode fazer mais nenhuma reivindicação sobre aqueles que sofreram a penalidade de sua sentença e suportaram sua ira, e isso Cristo fez, e sendo ressuscitado dos mortos não morre mais, a morte não tem mais domínio sobre Ele. Sua perfeita aceitação nos céus é a aceitação do crente, que é aceito n'Ele. Por Ele, Deus pode ser Justo e Justificador de todos os que creem n'Ele. Cristo ressuscitado é a medida da libertação daqueles que confiam n'Ele. Que salvação é essa! O apóstolo ora para que fossem **"iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais... qual a sobreexcelente grandeza do Seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do Seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-O dos mortos e pondo-O à Sua direita nos céus"** (Ef 1:18-20).

O Cristão, além de ser justificado, também é trazido para um novo estado; ele passou para sempre de uma cidade para outra. Ele foi, pelo poder de Deus, transferido de sua condição anterior como homem em Adão, e é colocado **"em Cristo"**. A morte é a penalidade da primeira condição. **"Em Adão todos morrem"**, mas aquele que está **"em Cristo, é nova criação; passou o que era velho, eis que se fez novo"** (TB). O homicida que entrou na cidade de refúgio não foi transformado, ele estava meramente em um lugar de segurança; o homem em Cristo é uma nova criação. Ele vive diante de Deus em outra existência, distinta daquela vida que, como homem em Adão, ele recebeu das mãos de seu Criador. A vida do Cristão é a do Filho de Deus. Viver em uma nova vida, uma vida que é perfeitamente livre, de acordo com a própria mente e as exigências de Deus, é muito mais do que segurança.

Aqueles que estão em Cristo morreram com Cristo, passaram com Ele pela morte e ressuscitaram com Ele. A vingança – toda a ira de Deus contra o pecado – se apoderou do Senhor Jesus quando Ele, na cruz, por Sua própria livre vontade, tomou nosso lugar e penalidade. Sua morte nos ensina a nos considerarmos mortos. Sua vida é a vida do crente. **“E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho”, “e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”**. O crente no Senhor Jesus é, portanto, privilegiado e exaltado. Ele é trazido para perto de Deus além do que Adão no Paraíso conhecia – além do que era conhecido até mesmo pelos anjos eleitos. O homicida entrou na cidade dos levitas, e aqueles designados para ensinar a Israel a Palavra de Deus eram sua companhia contínua; o homem que confia em Cristo é um da família de Deus, um herdeiro de Deus e coerdeiro com Cristo.

Que privilégio e graça sem iguais têm aqueles que estão *em Cristo*! Que misericórdia e que amor são os de Deus para com o principal dos pecadores! Com que sabedoria Ele transformou as profundezas do pecado e da ruína do homem em uma ocasião para a exibição de Sua glória.

As reivindicações da justiça de Deus tendo sido plenamente atendidas, a justiça divina tendo sido perfeitamente satisfeita, as portas da misericórdia estão agora totalmente abertas e Deus declara Seu próprio caráter de amor; Ele mesmo roga, convida pecadores a serem participantes de Sua graça. Certamente havia uma voz apelando ao homicida, nas portas abertas da cidade de refúgio, e que voz fala agora do céu! O amor agora clama alto do trono da majestade nas alturas. O Senhor Jesus que está assentado ali Se proclama a Si mesmo a Vida para o homem culpado e merecedor do inferno.

As cidades de refúgio foram designadas para aqueles que involuntariamente e sem malícia mataram seus próximos; mas quão diferentes são os termos de nossa salvação! Em inimizade voluntária a Deus, cada pensamento e propósito estando em

oposição a Ele, Deus prova o Seu amor por nós pelo dom de Seu próprio Filho.

Aquele que, como um homicida, entrou na cidade de refúgio foi justificado. Tal pessoa aceitou a salvação oferecida e foi salva pela fé. A fé o impeliu para a estrada; a fé o levou para dentro das portas. Mas de que serviria o conhecimento da sentença, o conhecimento do caminho, o conhecimento das portas abertas, se não houvesse, além disso, uma fé pessoal que aplicasse tudo à própria necessidade do homicida?

A Porção do Crente - Josué 21:1-42

“O SENHOR é a porção da minha herança e o meu cálice” (Sl 16:5).

A provisão para a necessidade do homicida sendo totalmente suprida, a herança dos levitas é estabelecida; **“à tribo de Levi Moisés não deu herança; o SENHOR, Deus de Israel, é a sua herança”**. **“Os sacrifícios queimados do SENHOR, Deus de Israel, são a sua herança”** (Js 13:33, 14). Assim, embora **“espalhados em Israel”**, de acordo com a profecia de Jacó, e possuindo apenas um pequeno território, sua herança coroa as bênçãos concedidas a Israel, e brilha mais intensamente do que todas elas.

À tribo de Levi foi confiado o serviço do santuário, a custódia da lei de Jeová e o ensino do coração dos de Seu povo. **“Ensinarão os Teus preceitos a Jacó, e a Tua lei a Israel”** (Dt 33:10 – AIBB). Eles eram o poder de influência em Israel, e sua influência fluía da proximidade de sua posição com Deus.

Com as bênçãos materiais de Israel diante de nossos olhos – com leite e mel fluindo de sua terra, e alimentada com fontes brotando de vales e colinas – não é difícil discernir a posição peculiar ocupada por Levi. E, espiritualmente entendida, na herança dos levitas vemos a porção mais perfeita do crente; pois enquanto somos abençoados com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo – enquanto temos n'Ele regozijos concedidos a nós para sempre, além de todas as bênçãos que nos são conferidas por meio de Cristo, temos o próprio Cristo. De fato, somos trazidos para as bênçãos do Cristianismo para que possamos nos deleitar em Cristo. Deus nos salvou e nos trouxe para Si mesmo, para nada menos que ser como o Senhor e conhecer como somos conhecidos (1 Co 13:12). Sua graça para conosco alcança até mesmo além da libertação da ira e da entrada na vida; assim, enquanto contemplamos Sua misericórdia

– o perdão de nossos pecados, o fim da primeira criação, a morte e ressurreição com Cristo – o Espírito de Deus habitando em nós quer que prossigamos adiante, para que possamos perceber e permanecer em nossa porção agora. **“Para conhecê-Lo”**, é o objetivo da energia da nova vida. Paulo ansiava tanto por abraçar sua porção que ele teria passado direto desta terra para alcançá-la, pois Cristo em glória era para ele experimentalmente o que Ele é verdadeiramente para todos os crentes, **“o prêmio da soberana vocação de Deus”**.

Cada evento registrado no Livro de Josué tem uma voz em si mesmo, e também há instrução na ordem em que os eventos são registrados, como na herança de Levi após as cidades de refúgio. Uma ordem semelhante é geralmente encontrada na experiência do povo de Deus, que mais frequentemente aprende sua necessidade de Cristo antes de aprender o que Cristo é para eles. Nossos pecados, a descoberta do “eu”, o aprendizado da justiça divina por Seu Espírito, engrandecem Cristo para nós como nosso Salvador, Aceitação e Vida; mas busquemos prosseguir para conhecê-Lo em Sua própria excelência intrínseca. Não pode ser que alguns, tendo plena certeza de que estão na cidade onde os levitas habitam, usem pouca diligência para obter o gozo de sua herança levita?

O fugitivo da vingança, que entrasse na cidade de refúgio, estaria necessariamente ocupado, a princípio, com sua própria libertação e segurança, e bendiria a Deus fervorosamente por ter Ele mesmo providenciado e separado a cidade para os homens que estivesse em situação igual a sua, e assim – embora de forma correta – o “eu” estaria diante dele; mas o levita que *habitava na* cidade, e estava à vontade lá, estava lá para que pudesse ser livre para o serviço de Deus; ele era chamado para a associação com Deus, e era para ele considerar as profundezas da Palavra, e ponderar o serviço do santuário. Sabemos mais do que a salvação por Cristo? Estamos, enquanto nos regozijamos com o fugitivo salvo, também aprendendo de Deus como com o levita? E se enquanto bendizemos a Deus pela salvação também estamos

nos regozijando em Cristo, em que grau atingimos a *plenitude* da porção do crente? Encontramos alguns entre os levitas cumprindo um serviço mais santo; alguns manuseando instrumentos mais santos do santuário do que outros; e há graus até mesmo entre aqueles que conhecem Cristo, como sua porção.

Não pode haver outra maneira de aprender Cristo senão pela comunhão com Ele por meio da Palavra. Descobrimos o coração – o caráter – de um amigo terrenal pela intimidade; e na proporção em que sua excelência moral está além de nós, precisamos crescer à estatura dele antes de podermos apreciá-lo. Podemos compreender seus dons, talvez, pois o dom pode ser apreciado em si mesmo ou por sua adaptabilidade às nossas necessidades, mas o motivo e a graça do doador não são tão facilmente descobertos.

Todo o Israel estava diante de Deus em virtude dos sacrifícios, mas somente a tribo de Levi tinha **“os sacrifícios queimados do SENHOR, Deus de Israel”** como **“sua herança”**. Podemos ver o amor de Deus em dar Seu Filho para morrer por nós, e ainda assim perder a comunhão espiritual com Ele.

O levita só conseguia ler vagamente os pensamentos de Deus sobre Cristo através das sombras da lei; em nós o Espírito de Deus habita, e nos ensina todas as coisas. O levita foi separado para o serviço do santuário e a contemplação da Palavra de Deus, e esta deve ser nossa obra, pois para isso somos separados por Deus para Ele mesmo. Toda aquela dispensação com a qual o levita estava ocupado expunha Cristo em Sua excelência intrínseca, e como Ele é estimado por Deus em Sua obra para Seu povo. Podemos muito bem desejar o serviço que se liga ao próprio Senhor, e aquela separação que encontra ocupação somente n'Ele.

Quando o Senhor é visto, pela fé, em Sua excelência, a glória de Sua luz ofusca todo o resto. Saulo de Tarso viu Seu rosto eclipsando o brilho do Sol do meio-dia, e dali em diante não vivia

mais para a Terra. O Senhor nos céus o instruiu não apenas sobre a glória, mas abriu para ele a maravilha de Seu próprio coração ali. Saulo então considerou todas as coisas como perda por Cristo, e muitos anos depois, como Paulo, ele escreveu: **“na verdade, tenho também por perda”**; sua mente não havia mudado; ao contrário, deveríamos dizer, sua energia havia aumentado.

Alguém que agora está presente com o Senhor, **“ausente do corpo”**, observou: “Ao lado da simples, feliz e sincera garantia de Seu amor pessoal por nós mesmos (que o Senhor a aumente em nosso coração!), nada mais nos ajuda a desejar estar com Ele do que a descoberta d'Ele *mesmo*. Se alguém pudesse falar pelos outros, é isso que *queremos*, e é isso que *cobiçamos*. Conhecemos nossa necessidade, mas podemos dizer que o Senhor conhece nosso desejo”.

Quando a herança da tribo de Levi for demarcada, e eles encherem suas cidades e habitarem ali, nada mais restará a ser feito pelo Israel que Deus amou, pelo povo que Ele havia tirado da terra da escravidão para a terra da promessa; e então segue o **“descanso”**.

Descanso - Josué 21:43-45

“Se Josué lhes houvesse dado repouso, (Davi) não falaria, depois disso, de outro dia. Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus” (Hb 4:8-9).

O resto aqui falado pode ser tomado em um sentido como a conclusão do livro de Josué. O que se segue, moralmente considerado, dificilmente é um desenvolvimento da história de Israel – certamente não está acontecendo na força do Senhor, mas transmite, em vez disso, um aviso para aqueles que, tendo uma promessa dada a eles de entrar no descanso, parecem ficar aquém dela (Js 22), e uma exortação para aqueles que em espírito entraram no descanso, para permanecerem no poder dele (Js 23-24).

Quando obtemos o Objeto dos nossos desejos, há descanso; o caráter do descanso depende da natureza do desejo.

Em um sentido, Israel entrou em Canaã em repouso – em repouso do julgamento do Egito – da perseguição do destruidor – do deserto. Todas as suas esperanças a respeito da libertação da terra da escravidão, da mão do Faraó, e de alcançar a terra prometida, foram plenamente realizadas. Assim, eles começaram sua luta em Canaã como homens de guerra de Deus e no poder de Sua liberdade; e, tendo travado as guerras de Jeová por muitos anos – como é geralmente entendido, sete anos, o que implica um período perfeito de uma figura terrenal, **“a terra repousou”** (Js 11). A conquista produziu descanso da guerra; mas como o descanso produzido pela conquista só poderia ser sustentado por vigilância ininterrupta, e eles o perderiam se falhassem em exterminar o inimigo, o repouso não foi completo.

É a porção do Cristão desfrutar do descanso presente por meio da vitória de Cristo sobre o pecado, a morte e Satanás, que é ilustrada no descanso de Israel ao entrar na terra prometida. É a

porção do Cristão pela fé constatar uma libertação completa do julgamento do mundo pelo precioso sangue de Cristo, e saber que Cristo, tendo ressuscitado, destruiu o poder da morte e de Satanás, nenhum dos quais agora tem poder sobre Seu povo redimido. O Cristão sabe que já está em Cristo nos lugares celestiais e, no poder desta liberdade e descanso, ele é chamado para lutar contra as hostes espirituais da maldade (o poder da impiedade – JND) nos lugares celestiais sob a bandeira do Senhor ressuscitado. O Cristão também é capaz de desfrutar da paz de seu Siló, de ter momentos de comunhão com o povo de Deus, de adorar com eles, apesar de haver inimigos em sua Canã espiritual. Mas, embora todas essas bênçãos sejam suas para desfrutar e habitar, ainda assim, enquanto ele ainda está nesta Terra, há um descanso que ele está antecipando, um descanso no qual ele ainda não entrou; o descanso em Deus é sua esperança.

Cada caráter de descanso que Israel desfrutou resultou da fidelidade divina. O descanso que é descrito aqui era de um caráter diferente do que eles tinham desfrutado anteriormente; era o cumprimento de tudo o que Jeová prometeu aos seus pais. Ele antecipa um dia em que, cada inimigo do povo de Deus sendo subjugado, todas as bênçãos que lhes são prometidas em Cristo serão realizadas.

O descanso é incompleto enquanto as bênçãos não são desfrutadas; e antes de ser dito: **“E o SENHOR lhes deu repouso”**, é dito: **“deu o SENHOR a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais; e a possuíram e habitaram nela. E o SENHOR lhes deu repouso em redor, conforme tudo quanto jurara a seus pais; e nenhum de todos os seus inimigos ficou em pé diante deles; todos os seus inimigos o SENHOR deu na sua mão. Palavra alguma falhou de todas as boas palavras que o SENHOR falara à casa de Israel; tudo se cumpriu”**.

Jeová tinha sido incansável em trazer Israel ao desfrute de sua porção na terra da promessa: Ele desceu para a terra do cativo deles; Ele foi afligido lá pelas aflições deles; Ele os resgatou do

cativeiro. Tendo-lhes dado o espírito de peregrinos, Ele os guiou como um rebanho através do deserto, onde Ele os alimentou diariamente, foi adiante deles e foi sua retaguarda. Ele curou suas apostasias no deserto e perdoou seus questionamentos de Sua graça. Ele os trouxe através do rio para a terra prometida, lutou por eles, deu-lhes vitória sobre todos os seus inimigos e fez da terra sua possessão. Tudo o que Jeová deu a Israel para antecipar estava agora realmente cumprido para eles.

O Cristão já é abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo, mas ele é um homem de antecipação: **“em esperança, somos salvos”**. Se ele não desfrutasse de paz completa e descanso com Deus na obra consumada do Senhor Jesus, ele não poderia esperar por aquilo que o aguarda. No que diz respeito à sua salvação, tudo está completo; o precioso sangue de sua redenção foi derramado há muitos, muitos anos. Ele já entrou em descanso sobre o pecado pela fé naquele precioso sangue, mas, no que diz respeito aos anseios da nova natureza, é, para com ele, ainda antecipação. **“a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê, como o esperará? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos”** (Rm 8:24-25).

O Cristão ainda não foi transformado à imagem de Cristo: **“agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos”** (1 Jo 3:2). Ele ainda não é moralmente semelhante ao Senhor, embora ao contemplar sua glória ele seja dia a dia transformado na mesma imagem de glória em glória, assim como pelo Espírito do Senhor (2 Co 3:18). Ele tem o Espírito de Deus dentro de si, mas está cercado de fraqueza e, com toda a criação gemendo e sofrendo, geme dentro de si, esperando a adoção, a saber, a redenção do corpo (Romanos 8:21-23). Mas a promessa é certa: **“assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial”** (1 Co 15:49); e ele está esperando pelo **“Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso**

corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso (Fp 3:21). Se for fiel às empatias de Cristo, ele está antecipando o dia de Sua glória. Desejando contemplar Sua glória como quando o Senhor orou ao Pai (João 17:24); esperando com Cristo quando os inimigos de Cristo serão feitos escabelo de Seus pés; esperando pelo dia em que o nome de Jesus será confessado por toda língua, e quando todo joelho se dobrará a Ele e O reconhecerá como Senhor, para a glória de Deus Pai. Ele está antecipando o tempo em que as doze tribos de Israel reconhecerão seu Messias outrora rejeitado, quando o norte e o sul entregarão o povo que agora está nacionalmente morto, quando de sua terra mais uma vez fluirá leite e mel, e brilhará com o favor de Deus, quando os gemidos da criação serão silenciados, e Israel cantará ao seu Senhor: **“Então, a Terra dará o seu fruto; e Deus, o nosso Deus, nos abençoará. Deus nos abençoará, e todas as extremidades da Terra o temerão”**.

Em uma palavra, o Cristão está esperando tudo o que se resultará para a glória de Cristo, que Sua preciosa morte comprou, e pela qual Ele mesmo espera. **“O trabalho da sua alma Ele verá e ficará satisfeito”**. Vastas como são as bênçãos presentes do povo de Deus, há anseios de coração a serem satisfeitos; grandes e preciosos como são seu presente desfrute das bênçãos divinas, ainda assim **“Porque, agora, vemos por espelho em enigma”** – obscuramente – **“porque, em parte conhecemos”** – **“Mas, quando vier o que é perfeito, então, o que o é em parte será aniquilado”**.

Nosso descanso atual se assemelha àquele anteriormente falado, que tinha que ser retido por incessante vigilância, em vez do repouso que é retratado aqui. **“Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus”**. As lutas externas e internas cessarão em breve; os ídolos e seus nomes não mais serão lembrados. As lutas do pecado e as bofetadas de Satanás têm um fim para o povo de Deus; será dito de todos – dos mais fracos – **“todos os seus inimigos o SENHOR deu na sua mão”**.

Há um dia para amanhecer (e pode estar às portas!) quando, depois que este mundo e sua concupiscência tiverem passado, será provado que a Palavra do Senhor permanece para sempre; e, descansando no descanso de Deus, o coração responderá ao coração com gozoso louvor – **“Palavra alguma falhou de todas as boas palavras que o SENHOR falara... tudo se cumpriu”**.

Conveniência - Josué 22

“Os teus olhos olhem direitos, e as tuas pálpebras olhem diretamente diante de ti”.

“A vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Pv 4:25, 18).

A história das duas tribos e meia é um aviso aos Cristãos que de bom grado seriam guiados pela conveniência em vez da fé nas palavras da promessa. Ao considerar sua história, a primeira exortação do Senhor, **“levanta-te, pois, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, à terra que Eu dou aos filhos de Israel”** deve ser mantida em mente; e também que o tabernáculo foi erguido, a lei lida, e o acampamento armado **“desta banda do Jordão”**.

A história deles ocupa um lugar distinto ao longo do livro de Josué, pois quando Israel cruzou o Jordão, eles já haviam escolhido suas possessões.

Em Números 32 aprendemos por que essas tribos herdaram **“do outro lado do Jordão”**, e é bom refletir sobre *“os começos”*. **“E os filhos de Rúben e os filhos de Gade tinham muito gado em grande multidão; e viram a terra de Jazer e a terra de Gileade, e eis que o lugar era lugar de gado... Disseram mais: Se achamos graça aos teus olhos, dê-se esta terra aos teus servos em possessão, e não nos faças passar o Jordão”**. Deus os enriqueceu grandemente em seu caminho para a terra prometida, e eles preferiram assentar-se e desfrutar de suas riquezas ao invés de avançar para a herança. A conveniência em vez da fé os guiou. As cidades que viram tinham maiores atrações para eles do que as tendas dos soldados do outro lado do rio. Estabelecer-se, qualquer que seja a forma que assuma, é uma coisa triste, mas em quem a vontade da carne não clamou: **“não nos faças passar**

o Jordão”? No entanto, a fé herda **“além”** e **“mais adiante”**, em proximidade de Deus.

A alma de Moisés foi agitada dentro dele com a proposta deles, que ele considerava como algo aquém da herança de Deus; ele comparou o desejo deles ao pecado dos falsos espias em Escol, e viu nisso um sinal de que Israel colheria novamente aqueles frutos amargos que lhes foram designados sobre aqueles que desprezassem a terra prometida. Aflito com o espírito deles, ele disse: **“ficareis vós aqui? Por que, pois, desencorajais o coração dos filhos de Israel, para que não passem à terra que o SENHOR lhes tem dado?... E eles se aproximaram dele”**, e disseram que deixariam suas esposas, filhos e gado para trás, e iriam eles mesmos para a guerra! A conveniência argumenta suavemente e encontra muitas maneiras prontas de atingir seu objetivo; mas é algo pobre lutar as batalhas de Deus a menos que seja somente por Ele; pois onde está o tesouro, aí estará também o coração. Que aqueles que não estão em espírito herdando **“além... nem mais adiante”**, e que não estão lutando a batalha da fé com todo o coração, considerem o que significa **“ficareis vós sentados aqui?”** (TB), pois eles não apenas **“desencorajam o coração”** de seus irmãos por sua busca por conforto, mas eles próprios não estão muito longe de se afastar de Deus.

A mente desses homens estava decidida. **“Não herdaremos com eles além do Jordão, nem mais adiante; porquanto nós já teremos a nossa herança daquém do Jordão ao oriente”**. O coração aos poucos se estabelece em seus desejos e, por fim, expressa abertamente seus desejos; ele resiste a advertências e então se torna resoluto em sua própria obstinação. **“Guarda com toda a diligência o teu coração, pois dele procedem as fontes da vida”** (TB). Um passo em falso geralmente gera outro – o mal leva ao mal; essas tribos, começando com o espírito de conveniência, acrescentaram à conveniência a obstinação e à obstinação, divisão. Nós **“não herdaremos com eles”**. Para executar seu propósito, eles estavam preparados para fazer uma brecha em Israel. **“Nós”** e **“eles”**, disseram eles, da única família

indivisa de Jeová. Jeová havia dado *uma* herança ao Seu povo, mas eles teriam sua herança, e Israel deveria ter a deles! **“Não voltaremos para nossas casas até que os filhos de Israel estejam de posse, cada um, da sua herança”**.

Por mais que possamos admirar o zelo dos quarenta mil que, por amor a seus irmãos, lutaram no lado do Jordão que pertencia ao Senhor – e certamente tiveram sua recompensa – não se pode negar que as duas tribos e meia os enviaram para lutar as batalhas do Senhor a fim de conciliar as coisas. **“Passaremos armados perante o Senhor para a terra de Canaã, e a possessão da nossa herança deste lado do Jordão será nossa”** (Nm 32:32 – JND). Quando um crente barganha para servir a Deus a fim de manter uma posição escolhida por ele mesmo, é certo que ele não fará nem metade do que promete, pois a conveniência é o afastamento de Deus. Em vez de enviar **“cada um armado para pelejar para a guerra”**, essas tribos enviaram apenas quarenta mil, sendo que muito mais da metade de seus homens de guerra permaneceram para trás para proteger seu tesouro (Veja censo Números 26).

O Senhor tendo agora dado descanso aos irmãos das duas tribos e meia como Ele prometeu, Josué disse a eles: **“voltai-vos... à terra da vossa possessão... além do Jordão”**. E depois de ordenar que guardassem a lei de Deus e fossem fiéis a Ele, ele os mandou embora com bênção. **“Voltai às vossas tendas com grandes riquezas, e com muitíssimo gado, com prata, e com ouro, e com metal, e com ferro, e com muitíssimas vestes”**. Há uma bênção para qualquer filho de Deus que segue o Senhor com um coração verdadeiro, mesmo que ele o faça apenas por um dia, e deve haver graça suficiente entre seus companheiros para reconhecê-la, mesmo que ele depois se desvie. Mas o afastamento da proximidade de Deus, qualquer que seja o grau, é doloroso, como descobriram os quarenta mil que retornaram dos filhos de Israel de Siló – o lugar de adoração. Em certo sentido, pode ser que o Senhor os tenha aceitado na posição que eles haviam escolhido (Js 22:9). O Senhor não os rejeitou. Ele age em

relação ao Seu povo de acordo com Seu próprio padrão de fidelidade. **“Ele permanece Fiel”**.

Quando esses homens de guerra, que lutaram e suportaram dificuldades com seus irmãos, começaram a retornar à posição que eles mesmos escolheram, não tinham ido muito longe antes de pararem e questionarem entre si. A consciência falou. No entanto, eles não condenaram seu curso e desistiram de voltar; na verdade, o resultado de sua pausa apenas desenvolveu seu espírito original. Eles não adotaram o curso que as nove tribos e meia sugeriram depois. **“Passai-vos para a terra da possessão do SENHOR, onde habita o tabernáculo do SENHOR”**; mas, ao invés disso, eles **“edificaram um altar de grande aparência [para ser visto – KJV]”**. **“Chegando eles aos limites do Jordão, ainda na terra de Canaã, ali os filhos de Rúben, e os filhos de Gade, e a meia tribo de Manassés edificaram um altar junto ao Jordão”**. A visão, não a fé, governou. Seu grande altar não era o altar do Senhor, era apenas uma réplica dele, e seu principal valor estaria em evidenciar que uma vez eles estiveram com seus irmãos em Siló. Se as duas tribos e meia tivessem apenas percebido que demonstravam a insustentabilidade de sua posição **“daquém do Jordão”**, construindo um altar para testemunhar onde tinham estado, poderiam ter sido poupadas de ir para o cativeiro quando foram. Mas se não pudessem ter **“o tabernáculo do SENHOR”** exceto indo para **“a terra da possessão do Senhor”**, estavam determinados a ter sua **“herança”**. Suas afeições – suas esposas e filhos pequenos, e suas riquezas estavam do outro lado do Jordão, para onde retornaram, e assim eles descobriram, como Moisés os havia avisado.

Talvez no futuro, eles raciocinaram, os filhos das nove tribos e meia possam dizer: **“Que tendes vós com o SENHOR, Deus de Israel? Pois o SENHOR pôs o Jordão por termo [fronteira – JND] entre nós e vós, ó filhos de Rúben e filhos de Gade; não tendes parte no SENHOR. E assim bem poderiam vossos filhos fazer desistir a nossos filhos de temer ao SENHOR”**. Eles sentiram de forma inconfundível que o Jordão era uma fronteira. Era claro para

eles que cruzá-lo parecia ser como deixar o Senhor, com Seu santo tabernáculo e suas bênçãos, e que seu retorno era repleto de perigos, mas ao considerarem o perigo, eles manifestaram o estado da alma deles colocando nos lábios de seus irmãos palavras amargas. Seus irmãos nunca sugeriram divisões entre o Israel de Jeová, nem que o Jordão era uma separação, nem que seus filhos iriam deixar de temer ao Senhor.

O crente que deixa seus companheiros mais devotados por alguma associação mundana, invariavelmente coloca a culpa das consequências sobre aqueles que permanecem com Deus: culpar pessoas piedosas é o remédio usual para uma consciência incomodada. **“Amados, se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus”** (1 Jo 3:21). Altares de “testemunho” – grandes altares para se ver – estão, infelizmente, em muitos corações e associações onde antes havia verdadeira devoção a Cristo. As pessoas falam sobre o que costumavam ser, como serviam a Deus, como desfrutavam de oportunidades de sincera adoração e, pelo sinal do passado, tentam provar sua porção presente. Quem dera tivessem a honestidade de confessar sua falta e retornar à única Fonte de força! O engano do pecado é o que endurece a alma. O espírito de conveniência é totalmente contrário a Deus; no entanto, quem não ouviu seu coração, ordenando-lhe que escolhesse algum lugar fácil e desculpas por permanecer onde não deveria? Temos que aprender que devemos assumir a posição de fé – seja ela qual for – que Deus coloca diante de nós, e recusar os convites de nossas próprias concupiscências, que nos ordenam a nos esforçar para trazer Deus à terra da vista que escolhemos.

Podemos admirar a seriedade das duas tribos e meia quando disseram, se construirmos o altar **“em rebeldia ou por transgressão contra o SENHOR, hoje não nos preserveis”**; e o desejo dos quarenta mil por seus filhos; ainda assim, por que deveria haver o **“receio disto”** – seu abandono de Deus? Simplesmente porque eles estavam do outro lado do Jordão.

Quando começamos a agradar a nós mesmos, não somos bons juízes de nossas ações.

Que coisa pobre era o altar deles! Não era para adoração; eles não queriam **“sobre ele oferecer holocausto e oferta de manjares, ou sobre ele fazer oferta pacífica”**. Nenhum cheiro suave deveria subir dele, nem corações alegres deveriam cercá-lo. Para que servia então? **“Para ser visto”!** (KJV)

Quando as notícias do altar de Ede chegaram a Israel, eles se reuniram em Siló – no único altar de Jeová – contemplando na construção de um segundo, nada menos que rebelião contra o Senhor das doze tribos. O zelo de Israel foi despertado, e como quando o coração é zeloso por Deus na contemplação das falhas dos outros, ele se lembra com um espírito castigado de seus próprios pecados, assim **“a iniquidade de Peor”**, a **“transgressão”** de **“Acã”**, com todos os seus frutos amargos, estavam presentes diante deles. Israel, além disso, julgou a si mesmo antes de tentar julgar os malfeitores; eles sentiram que as sementes dos próprios males pelos quais lamentavam, nas duas tribos e meia, e que eles estavam reunidos para erradicar, estavam até mesmo entre eles. Esse é o espírito em que o crente, quando em comunhão com Deus, lamenta a deserção de seu companheiro soldado e trata com o mal. O julgamento deve começar em casa, e quem é inocente? E onde o pecado é uma controvérsia (como era isso na mente de Israel) entre Jeová e seus irmãos, grande será a contrição e quebrantamento de espírito naqueles que têm a graça dada a eles, para serem zelosos pela glória de Deus.

É bom notar o fim, bem como o início do caminho da conveniência. Após o lapso de alguns anos, a prosperidade de Israel, seu Gilgal, foi trocado por Boquim (choro). O triste tempo de declínio nacional havia chegado. Deus, cheio de piedade, levantou juízes para libertar seu povo errante; e naquela época lemos sobre um dia de teste (Juízes 5). Onde estavam as duas tribos e meia então? O grande altar da visão os inspirou à devoção? **“Gileade se ficou dalém do Jordão”**; permaneceu em

casa – na tranquilidade. Quanto às divisões de Rúben, houve grandes pensamentos de coração. Resoluções foram feitas pelos homens de guerra, mas nada foi feito. **“Por que ficaste tu entre os currais para ouvires os balidos dos rebanhos?”** A flauta dos pastores era preferida à trombeta de guerra. Firme, de fato, deve ser a necessidade que desperta um crente, que busca facilidade, para a ação. Os pés daqueles que preferem o proveito à piedade geralmente trilham o caminho da conveniência até seu triste fim.

Nada além de olhar firmemente para Cristo pode preservar a alma da decadência espiritual. Zelo de outrora, riquezas, despojos, bênçãos, tendo uma vez cercado o altar de adoração – tendo uma vez pisado a terra da herança do Senhor, não valerão. Em um tempo em que tantos se desviam, três vezes felizes são aqueles que herdaram **“além”** e **“mais adiante”** e que suportam as dificuldades como bons soldados de Cristo.

Mais tarde na história de Israel, encontramos as duas tribos e meia levadas ao cativeiro, e a terra de Gileade perdida de forma irrecuperável (1 Reis 22). **“Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no Seu repouso, pareça que algum de vós fique para trás”** (Hb 4:1).

As Últimas Palavras de Josué - Josué

23-24

As últimas palavras deste servo de Deus possuem uma ênfase peculiar e exigem atenção especial. Quando Israel deu ouvidos às últimas exortações de seu capitão, os privilégios deles tiveram que ser retidos, suas posições mantidas.

Quão diferente era essa exortação daquela dada antes que o Jordão fosse cruzado! O frescor do zelo inicial do povo havia passado, e eles estavam se estabelecendo entre os inimigos de Jeová, apáticos à Sua honra e à integridade de sua própria posição. O fermento das nações ímpias ao redor já estava entre eles, e havia rebaixado seu padrão de separação para Deus, quando Josué os exortou: **“não entreis a estas nações que ainda ficaram convosco”**. Os deuses destas nações perversas tinham sido permitidos em seu meio, e agora lhes era ordenado: **“Não façais menção dos nomes de seus deuses”** (ARA); a própria herança era em grande parte povoada pelos inimigos de Jeová. **“Vedes aqui que vos fiz cair em sorte às vossas tribos estas nações que ficam desde o Jordão, com todas as nações que tenho destruído”**.

O que deveria ser sentido pelo crente como uma palavra terrível, chegou a Israel neste momento. **“Se de alguma maneira vos voltardes”** (Js 23:12 – TB). Esta palavra agora ocorre pela primeira vez no livro de Josué, mas, o acomodar-se precede o retrocesso, e eles não chegaram ao ponto de precisar de tal aviso de uma hora para outra. Em Jericó, o mal havia entrado em seu arraial; então, com um espírito reto, foi sumariamente julgado, e o arraial purificado. Em Gibeão, uma coisa pior aconteceu, os príncipes desatentos foram enganados numa aliança com os ímpios, da qual não puderam se livrar. Depois, os enfraquecidos homens de guerra de Judá e Efraim toleraram os pagãos entre eles, e

finalmente, quando as sete tribos receberam sua herança, foi a terra com seus habitantes também, as **“nações que ainda ficaram convosco”**.

O que era *“voltar?”* Era deixar o lugar de separação para Deus. Era entrar em aliança com o mal. Fazer casamentos com as nações e se unir na adoração de seus deuses. Se eles voltassem para o que Deus odiava, Sua força seria tirada deles, e os próprios poderes que eles uma vez venceram se tornariam seus opressores. **“Sabei, certamente, que o SENHOR, vosso Deus, não continuará mais a expelir estas nações de diante de vós, mas vos serão por laço, e rede, e açoite às vossas costas, e espinhos aos vossos olhos; até que pereçais desta boa terra que vos deu o SENHOR, vosso Deus”**.

Nosso próprio dia é um dia de retorno; retorno ao mundanismo, à superstição, à infidelidade, e às abominações. E. em tempos anteriores. soldados de Cristo derramaram livremente seu sangue para dessas coisas se livrarem a si mesmos, bem como a seus semelhantes e, acima de tudo, o nome do Senhor. A massa de Cristãos está enfraquecida. Há pouco poder para resistir ao mal, embora aqui e ali um espírito nobre se levante. Nossa herança agora está povoada de inimigos, e a principal coisa exigida do soldado de Cristo é que ele se desvencilhe dos inimigos que o cercam; que ele, em espírito e na prática, seja separado para o Senhor. **“Temos que lutar... contra principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século [mundo – ARA], contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”**. Mas se houver um desejo de apegar-se **“ao SENHOR, vosso Deus”**, a promessa ainda está diante de nós, e o crente mais fraco pode provar a fidelidade d'Aquele que a proferiu, **“pois o SENHOR, vosso Deus, é Quem peleja por vós, como já vos prometeu”** (ARA). Um perseguirá mil; o poder do inimigo não tem importância, pois o Senhor não pode falhar. Um coração para o Senhor foi o remédio colocado diante de Israel – **“Portanto, guardai muito a vossa alma, para amardes ao SENHOR, vosso Deus”**. A verdadeira devoção a Cristo liberta a alma dos tiranos e a

torna vitoriosa sobre a opressão, e à medida que se aprofunda no amor a Ele, obterá maiores vitórias. O Senhor nunca exorta, nunca nos ordena que nos libertemos, sem nos mostrar o caminho da força. Ele não coloca o mal diante de nós, exceto para que, no espírito de julgamento próprio e no poder de Sua força, possamos nos libertar para Ele. Quem dera o povo de Deus, que lamenta o estado dos Cristãos neste dia presente, pudesse **“guardar muito a sua alma, para amar ao SENHOR, seu Deus”**; cada um então se tornaria um centro de força e uma lâmpada que sustenta as palavras da vida, exibindo o caráter glorioso do Senhor. Permanecer no mal só contamina o espírito; devemos nos dedicar à contemplação do bem. Jericó, Gibeão, as alianças passadas, a condição presente da massa de Israel não poderiam ser mudadas, por mais melancólicas que todas essas coisas pudessem ser. Mas a luz é brilhante, e segura é a promessa ao coração fiel.

Cada crente prontamente colocará seu selo nas seguintes palavras: **“vós bem sabeis, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma que nem uma só palavra caiu de todas as boas palavras que falou de vós o SENHOR, vosso Deus; todas vos sobrevieram, nem delas caiu uma só palavra”**; e também levemos a sério o aviso que se segue, um aviso especialmente adequado **“nestes últimos dias”** em que há **“homens ímpios, que convertem em dissolução [libertinagem – ARA] a graça de Deus”** (Jd 4). Pois Deus, Fiel em graça, também é Fiel em repreensão.

Tendo assim advertido o povo, Josué finalmente convocou Israel para Siquém, e **“eles se apresentaram diante de Deus”**, e ouviram d’Ele como Ele tinha sido sua força, seu apoio, seu escudo, desde o princípio. O Senhor trouxe à lembrança deles Seu propósito para com eles antes que pensassem n’Ele, quando **“antigamente”** Ele os tirou dos ídolos dalém do rio. Ele os lembrou de sua terra de escravidão, da qual por Sua própria mão eles foram “tirados”, e como Ele os havia guiado através das águas do Mar Vermelho quando seus perseguidores foram derrotados.

Ele lembrou Seus caminhos graciosos para eles no deserto – Sua libertação tanto do Rebelde (o Amorreu), quanto do Acusador, **“Eu não quis ouvir a Balaão, pelo que, abençoando-vos ele, vos abençoou”**. Ele falou a eles sobre Canaã – de suas vitórias, Eu **“os dei na vossa mão”** – e de suas dádivas, **“E Eu vos dei a terra em que não trabalhastes e cidades que não edificastes, e habitais nelas; e comeis das vinhas e dos olivais que não plantastes”**. Do começo ao fim, tudo foi obra do próprio Deus por eles, Seu próprio amor por eles, e com Suas misericórdias espalhadas diante deles, foi-lhes dito: **“Agora, pois, temei ao SENHOR, e servi-O com sinceridade e com verdade”**.

Se Israel tivesse sentido a força das palavras de Jeová, eles teriam se curvado a Ele, lembrando que Ele os havia escolhido, e que sua capacidade de servi-Lo foi dada por Ele; mas, em confiança própria, eles responderam: **“também nós serviremos ao SENHOR, porquanto é nosso Deus”**, demonstrando, contudo, sua real condição, por não se purificarem de seus ídolos. **“Então, Josué disse ao povo: Não podereis servir ao SENHOR, porquanto é Deus santo, é Deus zeloso”**, quando eles novamente, corajosamente responderam: **“Não; antes, ao SENHOR serviremos”**. Diante do novo apelo de Josué para afastar os deuses estranhos que estavam entre eles, e inclinar o coração deles ao Senhor Deus de Israel, a resposta do povo foi: **“Serviremos ao SENHOR, nosso Deus, e obedeceremos à sua voz”**; mas os ídolos permaneceram entre eles, e as nações ímpias não foram destruídas. Ídolos podem ser trazidos por um crente até mesmo para os lugares santos, e se os ídolos estão no coração, todo o nosso zelo proposto não nos salvará de servi-los. Josué pôde de fato dizer: **“porém eu e a minha casa serviremos ao SENHOR”**, pois seu coração e vida concordavam com suas palavras, e a graça de Deus estava presente diante de sua alma. Foi pelo velho carvalho ou monumento de Siquém que Josué falou assim; para lá Jacó havia se estabelecido em anos anteriores e enterrado seus deuses domésticos; ali Israel havia estabelecido a lei (Siquém fica entre Ebal e Gerizim); e ali, no fim da vida de seu

capitão, eles se levantam, novamente, e prometem obediência ao Senhor. Nós, sem dúvida, temos nossos memoráveis carvalhos de Siquém, onde, em momentos de profunda comoção, honestamente ansiamos por ser tudo para Deus e Seu Cristo. **“E Josué escreveu estas palavras no livro da lei de Deus”, e “tomou uma grande pedra e a erigiu ali debaixo do carvalho que estava junto ao santuário do SENHOR. E disse Josué a todo o povo: Eis que esta pedra nos será por testemunho; pois ela ouviu todas as palavras que o SENHOR nos tem dito; e também será testemunho contra vós, para que não mintais [negueis – TB] a vosso Deus”.**

“Então, Josué despediu o povo, cada um para a sua herdade”.

“E, depois destas coisas, sucedeu que Josué... o servo do SENHOR, faleceu”. Os anciãos de seu dia cheio de acontecimentos se foram; os ossos de Eleazar foram colocados com os de seu pai Arão, e eles se misturam na sepultura com o pó de José e seu pai Jacó. Os filhos de Hete que venderam, e Abraão que comprou, não são mais ricos por suas trocas. Os primeiros habitantes de Canaã, onde estão eles? A curta história do homem neste mundo perecível é rastreada até a sepultura.

Nosso Capitão entrou nos céus. Ele em breve chamará Seu povo para o alto. A primeira ressurreição pode irromper sobre nós antes que nosso corpo seja semeado na terra. A primavera eterna de Deus pode começar para nós sem que nosso corpo passe pelo inverno frio da morte. **“Nem todos dormiremos”** (1 Co 15). De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor. Não vivamos, então, para este mundo, mas para Cristo, a Ressurreição e a Vida.

H. F. Witherby